



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO (FE)  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MONARA DA COSTA SILVA

**A construção histórico-cultural do perdão: análise a partir  
da obra literária Tudo é rio**

GOIÂNIA - GO

2026



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação      ☐ Tese      ☐ Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

MONARA DA COSTA SILVA

#### 3. Título do trabalho

*A construção histórico-cultural do perdão: análise a partir da obra literária Tudo é rio*

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM      ☐ NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Monara Da Costa Silva, Discente**, em 04/12/2025, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 12/02/2026, às 07:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **5833720** e o código CRC **FC04A2FB**.

Referência: Processo nº 23070.062598/2025-69

SEI nº 5833720

MONARA DA COSTA SILVA

**A construção histórico-cultural do perdão: análise a partir  
da obra literária Tudo é rio**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação (FE) da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientador(a): Dra. Livia Gomes dos Santos

GOIÂNIA

2026

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Silva, Monara da Costa

A construção histórico-cultural do perdão [Manuscrito]: análise a partir da obra literária Tudo é rio / Monara da Costa Silva. - 2026.

XXII, 77 f.: 2026

Orientadora: Prof(a). Dra. Livia Gomes dos Santos

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Goiânia, 2026.

Apêndice.

Bibliografia.

1. Perdão; Gênero; Violência; Emoções; Psicologia Histórico-cultural.

I. Santos, Livia Gomes dos , orient. II. Título.

CDU 159.9



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata Nº 52 da sessão de Defesa de Dissertação de **MONARA DA COSTA SILVA** que confere o título de **Mestra em Psicologia** pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás-PPGP/FE/UFG, na *área de concentração em Psicologia*.

Aos **três dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco (03/12/2025)**, a partir das **08:15h**, nas dependências da Faculdade de Educação da UFG, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada *"A construção histórico-cultural do perdão: análise a partir da obra literária Tudo é rio"*. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Livia Gomes dos Santos (PPGP/FE/UFG)**, doutora em **Psicologia Social** pela **PUC/SP**, com a participação dos demais integrantes da Banca Examinadora: Prof. Dr. **Fernando Lacerda Júnior (PPGP/FE/UFG)**, doutor em **Psicologia** pela **PUC/Campinas** - integrante titular interno e Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. **Lavínia Lopes Salomão Magiolino (PPGE/UNICAMP)**, doutora em **Educação** pela **UNICAMP** - integrante titular externa. Durante a arguição os integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus integrantes. Proclamados os resultados pela Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Livia Gomes dos Santos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Integrantes da Banca Examinadora, aos três dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e cinco

Banca Examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Livia Gomes dos Santos

Prof. Dr. Fernando Lacerda Júnior

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lavínia Lopes Salomão Magiolino

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Monara Da Costa Silva, Discente**, em 04/12/2025, às 12:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Livia Gomes Dos Santos, Professora do Magistério Superior**, em 12/02/2026, às 07:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Lacerda Junior, Professor do Magistério Superior**, em 07/08/2026, às 11:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0),  
informando o código verificador **5833688** e o código CRC **3F194735**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.062598/2025-69

SEI nº 5833688

À Maria do Céu, que me ensinou as palavras.

## Agradecimentos

Quero agradecer à todas as pessoas com as quais pude ter bons encontros, encontros alegres e que me fez e faz perseverar na existência, no sentido mais espinosano.

Então começo por algumas das muitas mulheres de minha vida...

Crescer ouvindo Maria do Céu contar histórias e sentar ao meu lado para que eu não desistisse de fazer as tarefas escolares, com certeza tem seus efeitos ainda hoje. São suas palavras, seu assuntar a vida e sua voz que aumentam minha vontade de viver. Obrigada por sempre me apoiar, mãe.

Se me alegro ao encontrar meus irmãos Dayana e o Bruno na casa de nossa mãe, foi pela infância bonita eles fizeram acontecer. E sobre a Dayana, vejo que a transformação mais bonita que aconteceu entre nós, foi poder ter numa irmã, uma amiga que sempre está ao meu lado. Ter iniciado esse percurso com sua torcida e seu apoio fez toda a diferença, sou muito feliz por sermos irmãs-amigas.

Ana, obrigada por me apresentar *Tudo é rio*, e pelas incontáveis ligações que fizemos para dar um sentido para o rebuliço que a Carla Madeira faz na gente.

Walquiria, ter sua parceira nesse percurso foi tão importante... Você foi descanso em tantos momentos. Obrigada pelos cafés, bolos, conversas, silêncios e músicas.

Livia, sua paciência e seu cuidado foram fundamentais e tornaram esse percurso mais possível. Foi uma grande sorte conhecer você e desenvolvermos esse trabalho juntas, isso transformou minha vida. Sou muito feliz pelo nosso encontro.

Lavínia, conhecer você foi um presente. A Lívia já tinha me dado notícias de você, ela provavelmente já sabia para onde minha pesquisa estava se direcionando, mas com o cuidado que sempre tem, foi deixando que eu me apropriasse do que você estava contando, de um jeito que fizesse sentido para mim. Quero que saiba que você foi um bom encontro.

Romenia, você com certeza é uma mulher por quem tenho grande admiração. Muito obrigada por tudo o que você fez para tornar essa trajetória mais possível. Eu me senti como uma filha diante de todo cuidado e acolhimento vindos de você.

O mesmo digo à Dona Maria Helena, que por várias vezes me ofereceu descanso e aconchego, e me presenteou com histórias incríveis e com seu amparo.

Geovana, se eu achei o percurso do mestrado uma coisa bonita, com certeza tem parte sua nisso.

Foi uma alegria trilhar esse e tantos outros caminhos com você. Sua ternura e seu jeito de simplificar as coisas, trouxe ainda mais sentido e beleza para minha vida. Obrigada por tudo o que você foi e tudo o que você tem sido nesse caminhar.

Aos meus amigos e colegas do mestrado, saibam que foram muito importantes nesse processo. Marco, Candace, Estefania, Nara, Itabira, Relingson, Stefania e Livia, é uma festa estar com vocês.

Antônio, sei que se você estivesse aqui se alegraria com essa etapa. Sinto sua falta.

Tia Maria, obrigada por tudo. Especialmente por sua paciência em passar tardes conversando comigo, quando eu ainda criança, te perguntava o que era o amor.

André, saiba que seu incentivo e sua aposta fizeram toda a diferença. Obrigada por ser tão parceiro.

Aos meus professores de todos os lugares, vocês foram essenciais para que essa trajetória se tornasse possível. Obrigada pelas ricas contribuições, Fernando.

Henrique, obrigada pela sua sensibilidade e cuidado em me acolher com esse tema há tanto tempo.

Edilson, obrigada por ter se tornado meu pai. Você é uma das contradições mais bonitas da minha vida.

## **Vozes-Mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
de uma infância perdida.

A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.

A minha voz ainda  
ecoar versos perplexos  
com rimas de sangue e fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.

(Conceição Evaristo, 1990/2008)

## Sumário

|                                                                                          |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>Resumo.....</b>                                                                       | <b>10</b> |
| <b>Abstract.....</b>                                                                     | <b>11</b> |
| <b>Introdução .....</b>                                                                  | <b>11</b> |
| <b>Capítulo 1: Gênero, patriarcado e violência contra a mulher .....</b>                 | <b>21</b> |
| <b>Capítulo 2: Psiquismo e emoção .....</b>                                              | <b>30</b> |
| <b>2.1 Desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo .....</b>                         | <b>32</b> |
| <b>2.2 Emoção .....</b>                                                                  | <b>37</b> |
| <b>2.3 Uma visão espinosana dos afetos .....</b>                                         | <b>39</b> |
| <b>2.4 Perdão.....</b>                                                                   | <b>43</b> |
| 2.4.1 Uma Breve História de Amor e Perdão .....                                          | 45        |
| <b>Capítulo 3: A natureza política e artística da criação humana em Tudo é rio .....</b> | <b>50</b> |
| <b>3.1 A significação do perdão a partir da diferença de gênero em Tudo é rio .....</b>  | <b>54</b> |
| <b>3.2 Crítica do(a) leitor(a): Análise ético-política das emoções .....</b>             | <b>56</b> |
| <b>3.3 Ciúme, gênero e imaginação: a colonização dos afetos.....</b>                     | <b>58</b> |
| <b>3.4 Flutuações do ânimo e o Drama do psiquismo em Dalva .....</b>                     | <b>62</b> |
| <b>Considerações Finais .....</b>                                                        | <b>65</b> |
| <b>Referências bibliográficas .....</b>                                                  | <b>67</b> |

## Resumo

A proposta desta pesquisa foi investigar, a partir do romance de Carla Madeira (2022), a construção do perdão diante da situação de violência doméstica. Para compreender o papel das emoções neste contexto, foi necessário apresentar o que é emoção e como ela se expressa; explicitar o caráter histórico das emoções e como elas são histórica e socialmente determinadas; analisar as relações entre gênero e emoção e por fim, compreender o perdão, especificamente como ele se expressa na sociedade brasileira, considerando as relações de gênero. Nossa pesquisa foi caracterizada como uma pesquisa documental, pois, de acordo com Ferreira (2015) um livro pode carregar consigo características de seu tempo histórico, como costumes, tradições, organização social, além da possibilidade de ser um instrumento de denúncia. A base teórica que fundamenta nossa investigação foi a Psicologia Histórico-cultural, pautada no Materialismo Histórico-dialético. Para a análise da síntese psicológica expressa na obra literária utilizamos o método objetivamente analítico, assim como a crítica do leitor para a análise ético-política das emoções, mais especificamente o perdão. Em nossas considerações finais, apresentamos a importância da dimensão ético-política para compreensão do perdão frente à uma situação de violência, considerando a cultura como elemento indispensável no desenvolvimento das emoções.

**Palavras-Chave:** Psicologia; perdão; gênero; violência; emoções; Psicologia Histórico-cultural.

## **Abstract**

The purpose of this research was to investigate, based on Carla Madeira's novel (2022), the construction of forgiveness in the face of domestic violence. To understand the role of emotions in this context, it was necessary to present what emotion is and how it is expressed; to explain the historical nature of emotions and how they are historically and socially determined; to analyze the relationships between gender and emotion; and finally, to understand forgiveness, specifically how it is expressed in Brazilian society, considering gender relations. Our research was characterized as documentary research because, according to Ferreira (2015), a book can carry characteristics of its historical time, such as customs, traditions, and social organization, in addition to the possibility of being an instrument of denunciation. The theoretical basis fundamental to our investigation was historical-cultural psychology, based on the dialectical method. For the analysis of the psychological synthesis expressed in the literary work, we used the objectively analytical method, as well as reader criticism for the ethical-political analysis of emotions, more specifically forgiveness. In our final considerations, we present the importance of the ethical-political dimension for understanding forgiveness in the face of a situation of violence, considering culture as an indispensable element in the development of emotions.

**Keywords:** Forgiveness; gender; violence; emotions; Historical-Cultural Psychology.

## Introdução

Temas que envolvem violência e gênero sempre foram de meu interesse, mesmo que eu ainda não soubesse que aquilo que circundava, principalmente nós mulheres, pudesse ser nomeado. Minha mãe (Maria do Céu) sempre gostou de narrar suas histórias. A gente costuma sentar na área, na cozinha enquanto toma café ou deitar no chão da sala de sua casa, e em qualquer canto que estejamos juntas, ela sempre tem um pedaço de história para contar, seja de seus trabalhos nas fazendas, o quanto gostava de ir para o rio lavar roupas com minha avó, das violências físicas (e psicológicas) que já sofreu, do desespero ao ver minha avó tentar tirar a própria vida. Em cada contação de histórias, vejo a transformação social e política que vem acontecendo em nossas vidas.

Minha avó (Nilza), (que não conheci, pois morreu em decorrência “da diabetes”, mas hoje é sabido que morreu vítima de violência de toda natureza) lavava roupas em um rio para sustento dos filhos, e levava os filhos para ajudá-la na tarefa. O homem que se dizia “seu marido” nunca estava em casa e quando eventualmente aparecia, a agredia. Minha avó ficou muito doente e foi morar com um de seus irmãos. Seus filhos foram levados pelo meu avô e deixados em casas diferentes. Apenas minha mãe ficou morando com ele e sua nova família, em situações precárias, inclusive de investimento afetivo. A história de minha avó termina assim: morreu de violência, longe dos filhos, minha mãe soube de sua morte por um carro de som do vilarejo no interior da Paraíba. As últimas palavras que minha mãe, aos 13 anos de idade, ouviu de minha avó foram as seguintes, “minha filha, promete que vai fugir daquela casa?”

Minha mãe não teve acesso à educação escolar básica, aprendeu a escrever seu nome ao fazer sua carteira de identidade, quando a moça da instituição a quis ensinar e disse “tenta copiar desse jeito aqui, senão você vai precisar sempre usar seu dedo com tinta”. Foi aprendendo a ler ao longo da escolarização minha e de meus irmãos. Como pode uma mulher analfabeta sentar ao meu lado e segurar minha mão para me ensinar a contornar os traços que a escola passava como tarefa de casa? Penso que minha mãe e eu nos transformamos e fomos transformadas pela nossa cumplicidade e resistência.

Ela se tornou mãe muito jovem, quando tinha 17 anos eu já estava em seus braços, e sempre foi chamada pelos familiares de meu pai como uma pessoa difícil. Hoje vejo que qualquer forma de resistência, principalmente se a resistência for de uma mulher, recebe muitas críticas. Quando ela enfrentou o patrão da fazenda onde morávamos, que chegou com latas e madeiras para que eu e minha irmã “brincássemos” na plantação, foi chamada de “difícil” e

que “vê maldade em tudo”. Minha mãe disse que não faríamos isso, e que andar no sol para espantar pássaros da plantação não era uma brincadeira. Conversou comigo e minha irmã e disse para irmos brincar com as nossas brincadeiras.

Então antes de dizer de um modo mais formal que este estudo foi motivado por uma experiência enquanto psicóloga, considere importante dizer de forma mais real, que ele foi motivado por eu ser mulher, pela cumplicidade que aprendi a ter com as mulheres de minha vida, por perceber que nenhuma geração está livre de violências, mas que podemos diminuir suas forças, como fez minha avó, ao pagar com sua vida; como fez e tem feito minha mãe, ao lutar conosco e sempre repetir para que estudássemos, pois seria a única coisa que ninguém poderia nos tirar; e como tento fazer, ao insistir em falar disso, e buscar qualquer forma, ainda que pequena que possa ser emancipatória, que ao menos nos faça entender por que sofremos, e por que nós que temos que fugir ou nos comportarmos de determinado modo para não sermos agredidas, na esfera familiar, religiosa, laboral, educacional ou em qualquer contexto.

Além disso, esse estudo foi motivado por uma experiência enquanto psicóloga em um programa de atenção às mulheres em situação de violência doméstica, que também direcionou a reflexão sobre o modo como as emoções são experienciadas em situações de violência e vulnerabilidade. Ao entrar em contato com os relatos de dor e amor das usuárias, as inquietações da prática clínica direcionaram-se para a possibilidade de uma pesquisa. Ao ouvi-las me deparei com o testemunho das dores do amor e também acompanhei o trabalho subjetivo destas sobre as situações de violência que as levaram até o serviço. Escutei o ódio, a tristeza, a paixão e o silenciamento delas.

Lendo o romance *Tudo é rio*<sup>1</sup> (Madeira, 2022) reconheci nas personagens Dalva e Venâncio aspectos similares aos relatos de mulheres em situação de violência, tais como o questionamento se uma mulher deveria ou não perdoar alguém que a agride, o desejo de reconciliação, a permanência no lar, a dificuldade de falar com os familiares sobre as violências sofridas e o receio de que o parceiro fosse punido, na grande maioria das vezes desistindo da denúncia e abrindo mão da medida protetiva. Alguns relatos que eram recorrentes diziam sobre o pedido incessante de perdão por parte dos autores de violência, com promessas de mudanças de comportamento; contudo, quando não tinham o pedido atendido, partiam para ameaças, inclusive de morte. Assim, a obra em questão foi escolhida pela temática em comum, isto é, as emoções existentes naqueles testemunhos de violência doméstica, o silenciamento da voz feminina, junto ao peso de sustentar um relacionamento a partir do perdão. Desse modo, tanto

---

<sup>1</sup> A descrição dos personagens da obra literária, se encontra no apêndice.

a experiência que tive com aquelas mulheres no meu percurso profissional, quanto o contato com a obra literária, me impulsionaram a produzir uma pesquisa com a temática do perdão em uma situação de violência doméstica.

A proposta desta pesquisa foi investigar, no romance de Carla Madeira (2022), a construção do perdão diante da situação de violência doméstica que a personagem Dalva vive ao longo do romance. A obra trata de situações do cotidiano, tais como amor, luto, arrependimento, violência, traição, dor e conflitos nas relações de amor. O romance trata da história de um casal que é visto como “ideal”. São descritos como muito intensos e inseparáveis. O parceiro começa a dar mostras de ciúmes bem significativas, direcionadas ao círculo de amizades de Dalva ainda no início da relação e quando ela engravida e vivencia o período de gestação. Mas, é no nascimento da criança que surge um marco que muda o curso da história do livro.

No romance de Carla Madeira encontrei a seguinte inquietação: Por que Dalva, depois de ter sofrido as violências que sofreu, e ter permanecido em silêncio, ao final, o perdoa? E, mais do que isso, por que o perdão se expressa enquanto emoção recorrente nas relações afetivo-sexuais marcadas por situações de violência doméstica e familiar, na sociedade brasileira?

Para Chauí, a violência trata-se da “conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade, com fins de dominação, de exploração e de opressão” (Chauí, como citado em Azevedo, 1986, p.131). Nesse sentido, discussões que versem sobre a violência doméstica e familiar são de grande relevância social, uma vez que a mesma tem se mostrado crescente no Brasil. Trata-se de um problema público, pois afeta diretamente a vida das vítimas, de todas as idades, raça, cor, classe social, ainda que em graus diferentes. A violência contra a mulher passou a vigorar enquanto crime no Brasil a partir da criação da lei nº. 11.340/2006 e as lutas feministas tiveram grande influência em sua elaboração. Mais conhecida como Lei Maria da Penha, a lei define como violência doméstica e familiar contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Brasil, 2006, p. 17).

O feminicídio, que é o assassinato decorrente de violência doméstica e familiar por razões de menosprezo e discriminação à condição feminina (Brasil, 2015), foi tipificado enquanto crime no Brasil em 2015, passando a integrar o código penal através da lei nº 13.104, embora seu conceito tenha surgido na década de 1970 por uma socióloga sul-africana, Diana Russel, diante do tribunal de Crimes contra as Mulheres. Antes de ser tipificado como

feminicídio, tal crime era caracterizado como homicídio em seu amplo aspecto e justificado como defesa da honra, sustentado pelo sistema patriarcal que indicava que o corpo da mulher não a pertencia (Fonseca, Ferreira, Figueiredo & Pinheiro, 2018).

De acordo com o Atlas da violência, a maioria dos crimes de feminicídio que ocorrem são dentro das residências das próprias vítimas e é cometido por autores conhecidos da vítima (Fórum brasileiro de segurança pública, 2024). Entre 2015 e 2023, mesmo considerando os casos de subnotificação, ao menos 10.655 mulheres foram vítimas de feminicídio. Só em 2023, 1463 mulheres foram vítimas de feminicídio no Brasil, o maior número registrado desde a tipificação da lei.

Esses dados apresentados pelo fórum de segurança pública, que apontam o crescimento dos casos de violência contra as mulheres dentro de seus próprios lares, traz outras complexidades que envolvem as situações de agressões, sendo elas a dificuldade da vítima em romper com o autor da violência e o retorno da vítima ao lar. Conforme aponta Lopes (2023) em sua análise sobre a permanência e retorno das mulheres para o lugar no qual sofreram violências, trata-se de uma decisão muito complexa, que ora envolvem aspectos que estejam a nível inconsciente, ora decisões deliberadas.

É importante compreender que a permanência de uma mulher em situação de violência não se trata de um processo simples, não quer dizer que ela “não sai porque não quer”, ou que “gosta de apanhar”, tampouco “que faz todo mundo de bobo e acaba voltando”. Quando investigamos as raízes históricas da propagação do amor como a noção de que “tudo supera” reforçada pelas premissas judaico-cristãs sobre o perdão, assim como refletimos sobre a constituição da família monogâmica (Engels, 1884/2019) seguindo a lógica burguesa de propriedade privada, e ainda nos recordamos da invasão colonial e toda ideologia dominante que ao longo do tempo forjou a história das mulheres, nos damos conta da complexidade envolvida nesse contexto no qual também se constituem as emoções humanas.

Trabalhar com demandas relacionadas à violência não isenta o profissional de lidar com o desconforto em assistir a decisão da vítima em permanecer no mesmo lugar que o agressor. Inquietações como essa mobilizou tanto Lopes (2023) que investigou o retorno ou permanência das vítimas em situação de violência, assim como me impulsionou a pesquisar sobre a situação de Dalva, personagem da obra literária *Tudo é rio*. É importante ressaltar que o que ocorreu com Dalva não é um ato isolado e menos ainda a defesa da lógica de que “o amor supera tudo”, mas resultado de todo o contexto que foi discutido e também sua relação com as emoções, embora não se resuma a elas.

Para compreender o papel das emoções neste contexto, foi necessário traçar, como objetivo geral, a análise das emoções, em particular o perdão, nas relações de gênero a partir da obra *Tudo é rio*. Quanto aos objetivos específicos, são eles: apresentar o que é emoção e como ela se expressa; explicitar o caráter sócio-histórico das emoções; analisar as relações entre gênero e emoção e por fim, compreender o perdão, especificamente como ele se expressa na sociedade brasileira, considerando as relações de gênero.

É importante destacar que não é nossa intenção reduzir a violência doméstica a uma questão individual, pois concordamos com Sawaia (2020) que a violência não é intrínseca ao ser humano, e este “não carrega a violência em si, ela está fora, na sociedade, nos encontros. Os afetos perpetuam ao mesmo tempo em que é por ela gerado, e dialeticamente a confronta e resiste a ela”. (Sawaia, 2020, p.40). Como trata-se de um tema complexo, nos ocuparemos de diversos aspectos, e a individualidade entra em nossa discussão como um desses elementos importantes. No entanto, é necessário não tomar a individualidade como algo descolado do contexto no qual está submetido e, por isso, nos apoiamos em Vigotski, que nos oferece importantes contribuições ao compreender que mesmo aqueles elementos que poderíamos considerar mais íntimos e pessoais sempre trazem a marca do contexto e do momento histórico no qual o sujeito está inserido. Nas palavras do autor, “a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas. Eu me relaciono comigo tal como as pessoas relacionaram-se comigo” (Vigotski, 1929/2000, p.25) e isso inclui as emoções, que são históricas, como aprofundaremos adiante.

De fato, toda ação humana tem que ser compreendida a partir da dialética individual-social; não é possível resumir a nenhum dos dois aspectos. Nesse sentido, Sawaia (2020) em sua análise sobre afeto e violência vai elucidar que embora Vigotski não trate da violência de forma direta, a mesma comparece como uma das lutas do autor, que pensava em uma ciência psicológica a favor da potencialização dos seres humanos, sem considerá-los bons ou maus. Com uma forte base espinosana, ele buscava compreendê-los frente às determinações sociais.

Para refletirmos sobre tais determinações, Wolf em seu ensaio *Um teto todo seu* (1989/2014) traz importantes contribuições que elucidam as desigualdades de oportunidades para homens e mulheres. Diante do questionamento sobre o que uma mulher precisaria para ser uma romancista, se depara com várias questões, dentre elas, o acesso da mulher ao mundo acadêmico, a pobreza do sexo feminino e o motivo das mulheres não acumularem riquezas.

Também se questiona sobre a existência de tanto material escrito por homens, acerca das mulheres. À medida em que avança em seu ensaio, chega à algumas conclusões, como o fato de que ainda que as mulheres tentassem acumular riquezas, quem administrava suas

fortunas eram seus esposos. Além disso, conclui que o que é preciso para que uma mulher possa tornar-se uma escritora, é que possua um teto todo seu, ou seja, um espaço propício e sem interrupções - tal como os homens em sua maioria tinham para se dedicarem aos estudos - e uma renda fixa, que como colocado pela autora, devido às condições históricas, era uma possibilidade restrita. Ainda que tenhamos avançado em relação a isso, algumas dessas questões seguem sendo repetidas no contexto em que vivemos.

Em suma, o que o ensaio de Woolf nos sinaliza é que mesmo com um movimento social emancipatório como o feminismo, até o século XX o que se entendia por feminilidade foi construído predominantemente sob a visão do homem. Os modos de se comportar e de expressar determinada emoção, que é o nosso foco de investigação, também eram escritos e narrados por homens. Nesta direção, analisar uma emoção – como o perdão – pode trazer importantes elementos para compreender esse processo de permanência após uma situação de violência e como é possível superar e transformar essa realidade.

A pesquisa em questão parte da Psicologia Histórico-Cultural, cujas bases epistemológicas estão alicerçadas principalmente em Marx e Espinosa<sup>2</sup>, e cujo surgimento se deu a partir da busca de Vigotski por uma teoria científico-objetiva da consciência humana que oferecesse soluções concretas às questões sociais de sua época. O método que direciona nossa pesquisa é o método dialético que, segundo Lima e Miotto (2007), compreende “a contradição e o conflito; o ‘devir’; o movimento histórico; a totalidade e a unidade dos contrários; além de apreender, em todo o percurso de pesquisa, as dimensões filosófica, material/concreta e política que envolvem seu objeto de estudo.” (p.39).

Fazer uma investigação a partir do método dialético, desafia quem pesquisa a lançar mão de modelos explicativos, descritivos e exames sistemáticos que buscam dar conta de responder a um problema de pesquisa. Esse exercício de considerar a apreensão da realidade assumindo a importância da totalidade contraditória; tomando o processo histórico como guia para a investigação (em que as pessoas transformam a realidade à sua volta ao mesmo tempo que são transformadas por ela), em detrimento das formas isoladas, imediatas e construídas a partir de discursos e enunciados cientificistas, trata-se, segundo Netto (2011) de buscar a essência do objeto, pois de acordo com o autor,

Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a *reproduz* no plano

---

<sup>2</sup> Optamos por manter essa tradução do nome do filósofo, feita pelo Grupo de Estudos Espinosanos, sob coordenação de Marilena Chauí e publicada pela Editora da Universidade de São Paulo.

do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador *reproduz*, no plano ideal, a essência do objeto que investigou. (Netto, 2011, p. 22)

Essa busca pela essência do objeto da qual trata o autor busca apreender as contradições que existem na realidade. Segundo Saviani (1991), pensar a realidade requer aceitar a contradição e com ela entendermos a essência do que é apresentado à primeira vista. Para que a pesquisa se torne reprodução no ideal a partir do movimento do real aparente, é necessário a mediação por abstrações, como por exemplo a teoria, assim é possível chegar ao concreto, ou seja, à compreensão mais consciente do que há de essencial no objeto.

É importante destacar que embora se trate de uma pesquisa cujos pressupostos são pautados no materialismo histórico-dialético, de acordo com Romanelli (2011), Vigotski entendia que não se tratava de simplesmente aplicar um método formulado para estudo de leis e categorias específicas da sociologia à uma outra área de investigação sem considerar a epistemologia que é própria de cada ciência, assim, não se apropriou do método formulado por Marx, mas de alguns elementos que contribuíram para o seu projeto de construir uma psicologia geral, ou Psicologia Histórico-Cultural. Nessa direção, é necessário compreender como estes postulados são passíveis de explicar o psiquismo.

Pautando-nos em Vigotski, utilizamos o método objetivamente analítico ou objetivo-analítico mencionado por ele em Psicologia da arte (1960/1999). Tal método toma como ponto de análise a própria obra de arte para chegar à sua síntese psicológica, sem priorizar as pretensões do autor ou do leitor, pois, por mais sincero que fosse o sentimento do autor, não bastaria para criar a arte, uma vez que a arte é uma técnica social do sentimento e sua importância se dá pela capacidade de transformação e de tornar-se um “instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser.” (Vigotski, 1960/1999, p. 315.). Ainda sobre o método objetivo-analítico abordado por Vigotski, Superti complementa,

Neste movimento, supera, com a dialética, o mecanicismo presente tanto na estética (dicotomia entre conteúdo e forma), como na psicologia (cisão metodológica entre teorias idealistas e materialistas) e apresenta um método para análise psicológica da obra de arte que tem como objeto a própria estrutura da obra. Esta análise vai revelar características humanas que a obra encarna, tornando-as sociais e pessoal ao mesmo tempo. Assim, fica-nos um pouco mais delimitado o campo da Psicologia da arte, saindo dos parâmetros da sociologia da arte, adentrando a decifração dos sentimentos e funções psicológicas que a arte coloca em movimento, bem como as implicações disto para o psiquismo. (Superti, 2013, pp.77-78)

Vigotski esclarece que a arte não se trata de um simples contágio, e quando tomamos uma obra de arte para investigação o objetivo não deve ser analisar a obra de arte em si mas o que nela embasa o mecanismo e natureza da reação estética. Sobre a importância estética, Luckács acrescenta (1995/2011) ser tarefa do romancista tornar a obra possível de ser usufruída e não mais um elemento de distração frente aos inúmeros estímulos da vida cotidiana. Para exemplificar melhor, ele faz uma crítica ao método naturalista, afirmando que este buscava apenas descrever a vida cotidiana dos personagens, quando o que se espera de um romancista é que seus personagens tenham traços próprios e retratar o que ocorre em determinada época, o que de acordo com Ferreira (2015), torna possível que uma obra literária se torne uma fonte documental, pois um livro pode carregar consigo características de seu tempo histórico, como costumes, tradições, organização social, além da possibilidade de ser um instrumento de denúncia. Assim, essa pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa documental, pois tomar a obra como instrumento de análise das emoções, mais especificamente o perdão, nos ofereceu vestígios, pistas e testemunhos para que pudéssemos investigar a expressão do perdão em *Tudo é rio*. Nesse sentido, a “crítica do leitor, explicitada e cunhada por Vigotski,” que “trata-se de uma das possibilidades de leitura da obra de arte, e não a única” (Pozza e Magiolino, 2018, p. 806) foi o recurso que utilizamos para nossa análise ético-política das emoções.

Outras obras poderiam ser consideradas para analisar as emoções a partir de nossa perspectiva, principalmente por já haver em Vigotski produção teórica que analisa a obra “Hamlet” de William Shakespeare. Uma possibilidade seria a obra shakespeariana *Otelo, o Mouro de Veneza*, que trata de temas como amor, inveja, ciúmes, racismo, refletindo uma produção social e cultural. Contudo, isso não minimiza a importância de utilizar a obra que escolhemos para nossa investigação; ao contrário, a obra literária *Tudo é rio* foi escrita por Carla Madeira, autora brasileira, que iniciou a escrita do livro no final dos anos 1990 e nos apresenta nuances e característica típicos de nosso momento histórico e contexto social. O interesse pela personagem Dalva, que é agredida brutalmente pelo parceiro, se justifica pelo nosso objetivo em investigar o perdão em situações de violências nas relações afetivo-sexuais que envolvem o discurso do amor romântico, considerando as relações de gênero.

Considerar o contexto histórico, político, sociocultural e econômico, são elementos importantes para buscar formas de intervenção e diminuição da violência. As políticas públicas são essenciais no combate à violência contra a mulher, contudo, para se fazer políticas públicas, é crucial o apoio do Estado nessas ações. Outra variável a ser considerada e que será ponto central de análise neste trabalho são aspectos subjetivos e sociais envolvidos, tais como as

emoções dos indivíduos em uma situação de violência doméstica e familiar contra a mulher, tanto do agressor, mas principalmente o perdão da vítima, pois como afirma Sawaia (2020, p.40) “os afetos permitem compreender o drama singular e coletivo na experiência da violência e de como as pessoas sofrem a violência e, paradoxalmente, mantém acesa a potência de vida ante as convivências cotidianas com ela.” Os fatores subjetivos frente ao fenômeno da violência e de permanência em situações de violência, devem ser compreendidos em seu caráter histórico e, principalmente, a partir do entendimento de que eles podem ser transformados; e é nessa possibilidade de compreender o fenômeno para transforma-lo que se insere a presente pesquisa.

Como indica Vigotski em seu manuscrito de 1929, a partir de uma leitura marxiana, a subjetividade tem sua constituição nas relações sociais, ou seja, “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura”. (p.31).

Pretendemos então ao longo deste trabalho, investigar o envolvimento das emoções em uma relação afetivo-sexual, como as que aparecem na narrativa da relação de Dalva e Venâncio, tendo como foco a compreensão do perdão. Consideramos em nossa análise que a emoção, como qualquer aspecto do psiquismo é histórica; e também compreendemos, como buscamos demonstrar ao longo do texto, que ela também está marcada pelas diferenças na socialização do gênero feminino e do gênero masculino. Para isso, desenvolvemos três capítulos, sendo o primeiro intitulado “Gênero, patriarcado e violência contra a mulher” no qual dissertamos sobre a história das mulheres, principalmente relacionando ao advento do capitalismo e os desafios frente a uma sociedade patriarcal, que entende o casamento e a família enquanto propriedade privada, conforme apontado por Engels (1884/2019) e por Leacock (1981/2019). Também abordamos sobre a diferença na socialização de homens e mulheres, conforme apontam Simone de Beauvoir (1949/1970) e Heleieth Saffioti (2015), assim como o efeito histórico-cultural da colonização dos afetos, alvo de discussão de Geni Núñez (2023). No segundo capítulo, “Psiquismo e emoção”, apresentamos o desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo e abordamos a relação entre consciência e emoção que são elementos centrais na formação da personalidade. Discutimos a complexificação das funções psicológicas elementares e sua transformação em funções psicológicas superiores, a partir da mediação da cultura; destacamos a importância dos afetos em Espinosa e sua contribuição para a compreensão das emoções e por fim, analisamos o perdão a partir da sua constituição histórica sustentada pela lógica do amor romântico, considerando principalmente as relações de gênero.

Para a discussão do perdão, na obra literária *Tudo é rio* - que foi uma importante fonte documental (Ferreira, 2015) conforme já mencionado - foi desenvolvido o terceiro capítulo intitulado “A natureza política e artística da criação humana em *Tudo é rio*”. Dessa forma, para realizar a análise ético-política das emoções, a partir da *crítica do leitor*, a autora Geni Núñez (2023) e sua pesquisa sobre a colonização dos afetos no Brasil - que vai desde a invasão colonial e a instauração da monogamia, assim como os altos índices de violência em relações afetivo-sexuais - foi uma importante sustentação teórica para a investigação da construção histórico-cultural do perdão considerando as relações de gênero. Também para compreendermos a criação e imaginação no adulto e os impactos desses elementos no desenvolvimento do psiquismo, principalmente relacionado às emoções, o trabalho de Vigotski intitulado *Criação e imaginação na infância*, foi fundamental. Deste modo, o método dialético que direciona essa pesquisa nos ajudou a compreender a partir do método objetivamente analítico e da crítica do leitor, as contradições presentes em uma situação de violência vivenciada pela personagem Dalva, considerando elementos como o drama, criação e imaginação, contexto social, comportamentos que dão indício de um possível perdão e ainda como se concretiza essa emoção na obra, levando em consideração a problemática do ciclo da violência, que não significa dizer que a violência finda quando a vítima perdoa o agressor.

Em nossas considerações finais, apresentamos a importância da dimensão ético-política para compreensão do perdão frente à uma situação de violência, considerando a cultura como elemento indispensável no desenvolvimento das emoções. Assim, a obra literária que foi tomada como fonte documental para nossa pesquisa, possibilitou nossa investigação uma vez que a arte é uma das formas de objetivação mais elevadas do psiquismo (Duarte, 1993/2013), e por isso sua relevância para uma pesquisa que versa sobre violência, gênero e perdão.

## Capítulo 1: Gênero, patriarcado e violência contra a mulher

*"O que eles chamam de amor, nós chamamos de  
trabalho não pago"*  
- Silvia Federici

A discussão sobre a relação entre gênero e violência, marcada pela instauração de uma sociedade patriarcal, deve passar pela compreensão do conceito de gênero assim como pela análise que Engels e Leacock fazem sobre a instituição familiar e a propriedade privada. O modelo familiar que nos propomos a discutir é a família monogâmica, que de acordo com Engels (1884/2019) se configura a partir da exclusividade da mulher ao homem, resultante de um projeto de colonização e dominação que transformou a mulher em propriedade privada do homem (Leacock, 1981/2019). A epígrafe que faz abertura deste capítulo evidencia a importância em discutir as contribuições do movimento feminista pela luta dos direitos das mulheres, uma vez que tal luta culminou em direitos sociais assim como direitos de proteção à vida tais como a Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio e a lei Mariana Ferrer.

Um aspecto que sustenta este capítulo é a diferença na socialização de homens e mulheres. Exemplo disso, é o surgimento do modelo de família monogâmica descrito por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, que tem como finalidade a garantia de que os filhos biológicos sejam do homem, para que se tornem seus futuros herdeiros. Além disso, fica proibida a dissolução dessa união, a não ser que seja por decisão do homem, assim como a infidelidade conjugal, por costume só é permitida ao mesmo, porém sem levar a amante para dentro de casa. Também o que traz uma forte diferença na socialização de homens e mulheres tem explicação na colonização e doutrinação jesuíta, que instaura sentimentos de culpa, o desenvolvimento de um intenso comportamento moral dos povos originários recém-convertidos ao cristianismo, e a forma como começam a dirigir discursos de ódio às mulheres, exigindo-lhes submissão e exclusividade, o que antes não era identificado nas comunidades indígenas (Leacock, 2019).

Nossa pesquisa tem enfoque no desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo, principalmente as emoções; no entanto, também defendemos que a compreensão da história exige também que se considere diferenças na forma como essa cultura é apropriada pelos indivíduos singulares. Alguns atravessamentos também medeiam essa diferença e o gênero é um dos fatores que vai ter um impacto na mediação e no processo de apropriação do indivíduo. Desta forma, o gênero influencia no modo como as emoções são experienciadas por homens

ou mulheres<sup>3</sup>, mas isso não se dá por uma questão ontológica ou biológica, conforme discutido por Milani, Silva e Almeida, sobre a formação da subjetividade a partir das relações de gênero:

O patriarcado transforma certas características humanas em próprias de homens ou mulheres, aprofundando relações de poder em benefício dos homens e servindo aos processos de exploração e dominação capitalista. A Psicologia Histórico-Cultural possibilita-nos entender como ocorre o processo de internalização das características de gênero, ou seja, de que forma os sujeitos passam a entender como as características atribuídas socialmente aos homens ou às mulheres. (2021, p. 137)

É importante destacar que o modo como somos socializados começa antes mesmo do nascimento, quando se é descoberto o sexo biológico do feto. Beauvoir em seu segundo volume de sua obra *O segundo sexo* (1949/1970), traz um recorte da diferença na socialização entre os sexos:

O fato é que os homens encontram em sua companheira mais cumplicidade do que em geral o opressor encontra no oprimido; e disso tiram autoridade para declarar com má-fé que ela *quis* o destino que lhe impuseram. Vimos que, em verdade, toda a educação dela conspira para barrar-lhe os caminhos da revolta e da aventura; a sociedade, no seu conjunto, — a começar pelos seus pais respeitados — mente-lhe exaltando o alto valor do amor, da dedicação, do dom de si e dissimulando-lhe que nem o amante, nem o marido, nem os filhos estarão dispostos a suportar-lhe o fardo incômodo. Ela aceita alegremente essas mentiras, porque elas a convidam a seguir o caminho em declive da felicidade: e nisto está o maior crime que cometem contra ela. (Beauvoir, 1949, p. 490)

*O segundo sexo* faz um resgate histórico de forma crítica sobre tornar-se mulher em uma sociedade capitalista e o modo que fomos colocadas em uma posição de servidão, pois não deixamos de realizar atividades anteriores para realizarmos outras: nossa jornada foi multiplicada e junto a isso, o discurso de que o amor nos dará forças para suportar qualquer fardo. Sabemos que a divisão do trabalho acompanha o desenvolvimento da humanidade e ainda que nos inclinemos a pensar o quão diferente já era a divisão das atividades executadas por homens e mulheres antes do advento do capitalismo, é importante considerar como essa divisão sexual do trabalho impulsionou a lógica de exploração e acumulação do capital: os trabalhadores e trabalhadoras são exploradas pelos donos dos meios de produção e às mulheres, além da exploração da classe dominante, fica a responsabilidade de permanecerem cuidando de todos os afazeres domésticos para que os demais membros da família consigam produzir cada vez mais (Federici, 2021). A classe trabalhadora que sofre a exploração, passa então a

---

<sup>3</sup> Há também outros atravessamentos, tais como o fato de ser uma pessoa cis ou trans; a raça; o lugar e situação social do nascimento etc. Não nos deteremos neles por não ser o objetivo de nossa pesquisa, mas é necessário não perder de vista que o gênero não é o único nem o principal elemento que interfere no processo de constituição individual.

reproduzi-las dentro de seus lares, dando mostras de um dos vários percursos que culmina na desigualdade de gênero.

A relação que Saffioti (2015) estabelece entre gênero, violência e patriarcado passa por um questionamento da autora de como, concretamente, as determinações de gênero se inserem no funcionamento da sociedade de classes. Ao analisar o contexto brasileiro, percebe a dificuldade da emancipação feminina, barrada pela relação de poder que uma sociedade patriarcal que também detém as condições materiais, assim como quando de seu exclusivo interesse, busca a qualquer custo preservar uma instituição familiar, o que denuncia o ciclo de violência que ocorre na esfera doméstica, alicerçado principalmente em discursos religiosos.

É importante levar em consideração que gênero não se resume a apenas uma categoria de análise, faz parte também de uma categoria histórica e dentro dessa categoria pode ser concebido em diversas instâncias, conforme aponta Saffioti (2015). No dicionário de língua portuguesa Michaelis (2025) por exemplo, a definição mais geral da palavra “gênero”, indica características em comum entre um grupo ou uma classe de objetos ou seres. Um equívoco recorrente em torno da palavra gênero é caracterizá-la como sinônimo de mulher e com isso definir a violência de gênero como sendo a violência contra a mulher. A socióloga elucida que violência de gênero pode abranger a violência de homens contra mulheres assim como a de mulheres contra homens. Também afirma que as diferenças sexuais não explicam diretamente as desigualdades entre homens e mulheres, contudo é a partir das diferenças entre ambos que o gênero se constitui socialmente, ou seja, os papéis e atividades a serem desempenhados passam por essa diferenciação, que se sustenta pela dominação dos homens pelas mulheres, regido pelo sistema patriarcal. A história da humanidade é de pelo menos 250 mil anos e o patriarcado tem apenas 2.600 anos, logo, este último se trata de uma forma de dominação muito recente. (Saffioti, 2015).

O patriarcado teve um longo percurso, para que se consolidasse enquanto tal. Conforme já dissemos, a divisão sexual do trabalho esteve presente em um período significativo no desenvolvimento da humanidade. Na análise de Saffioti, o fato de o bebê precisar ser amamentado, e a probabilidade dele chorar em meio a uma caça afastando a presa, por um tempo foi uma justificativa razoável para manter em grande parte as mulheres longe dessa atividade restringindo-as às atividades de criação dos filhos, afazeres domésticos e coleta, ao passo que as habilidades físicas e geográficas dos homens fossem aprimoradas. Como a caça não era uma atividade diária como era a coleta, os homens dispunham de mais tempo para exercitarem com maior tranquilidade capacidades de planejamento e execução, de modo a dominarem aquela forma de organização, subalternizando as parceiras e os filhos, instaurando

a partir do controle e do medo um sistema no qual fossem patriarcas das tribos, das comunidades e posteriormente do que entendemos enquanto instituição familiar:

Quando se passou a criar animais para corte ou tração, sua reprodução mostrou-se de grande valor econômico. Foi fácil, então, perceber que, quanto mais filhos um homem tivesse, maior seria o número de braços para cultivar áreas mais extensas de terra, o que permitia maior acumulação. Passam, então, os seres humanos, a se distanciar da natureza e a vê-la simplesmente como algo a ser controlado e dominado. Isto tudo foi crucial para estabelecer entre os homens e as mulheres relações de dominação-exploração. Além disto, a compreensão do fenômeno reprodutivo humano, observando-se o acasalamento dos animais, minou os poderes femininos. (Saffioti, 2015, pp. 128-129)

Deste modo, patriarcado segundo Saffioti, “é um contrato entre os homens, cujo objeto são as mulheres” (2015, p.57) e as diferenças marcadas pelo sexo, passam a ser diferenças que expressam o poder político, que culmina em liberdade ou sujeição. O *pai, chefe de família, patriarca*, assume outro estatuto que sobressai ao papel de *marido* e lhe confere poder de dominação-exploração.

Engels (1884/2019) em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, traz contribuições substanciais para a compreensão da formação da família, tal como a concebemos hoje. O autor faz um resgate histórico e discorre desde a invenção<sup>4</sup> do incesto como forma primitiva de organização familiar - porém ainda sem ser caracterizada enquanto tal - até o modelo de família monogâmica que resultou de condições econômicas e pelo poder patriarcal, já que segundo o autor,

o casamento monogâmico de modo algum entra na história como a reconciliação entre homem e mulher, muito menos como sua forma suprema. Pelo contrário. Ele entra em cena como a subjugação de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, desconhecido em toda a história pregressa. Em um antigo manuscrito inédito, elaborado por Marx e por mim em 1846, encontro o seguinte: “A primeira divisão do trabalho foi a que ocorreu entre homem e mulher visando à geração de filhos”. E hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre homem e mulher no casamento monogâmico, e a primeira opressão de classe coincide com a do sexo feminino pelo sexo masculino. O casamento monogâmico foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, inaugura, ao lado da escravidão e da riqueza privada, a época que perdura até hoje, em que cada progresso constitui simultaneamente um retrocesso relativo, em que o bem-estar e o desenvolvimento de uns se impõem pela dor e pela opressão de outros. (Engels, 2019, p. 84)

---

<sup>4</sup> De acordo com Engels (1884/2019) o incesto foi inventado a fim de controlar as relações sexuais grupais que aconteciam indiscriminadamente, dando origem então à família consanguínea, na qual os casamentos aconteciam entre os membros familiares da mesma geração, da mesma faixa etária.

Para além do que o mundo capitalista imprime na subjetividade em parceria com um sistema patriarcal, o modo como as crianças são socializadas de acordo com seu gênero, difere de forma significativa perpetuando essa lógica de dominação de um gênero sobre o outro. Os garotos são incentivados desde muito jovens a mostrarem sua força física, ainda que isso se sustente em certa agressividade. Discursos como “provedor do lar” e “defensor da família” assim como uma certa missão atribuída para que vigiem e protejam suas irmãs ou primas, já indicam desde muito cedo como as relações de poder se darão no futuro próximo. Quanto as garotas são instruídas a se comportarem, agirem com delicadeza, prestarem cuidados para com seus familiares e serem compreensivas. Assim, um campo arado e fértil se coloca disponível para a germinação da violência: de um lado alguém livre para agir com agressividade e de outro alguém que se silencia e suporta as ações do agressor em nome do cuidado, compreensão e não raro, em nome do amor. No primeiro caso, quase sempre um personagem do gênero masculino, e a partir de tais elementos que moldam a socialização dos homens e das mulheres, Saffioti (2015) nos direciona para discutirmos a relação entre gênero e emoção.

É importante o destaque o papel fundamental do romantismo nessa discussão, uma vez que foi um movimento artístico, cultural e filosófico de grande repercussão e que valorizava intensamente as emoções, particularmente as de cunho privado como a paixão, e assim, marcou bastante o surgimento do amor romântico. De acordo com Berlin (2022), o romantismo enquanto movimento cultural surgiu como promessa de liberdade e rompeu com as premissas iluministas que possuíam suas verdades absolutas e engessavam as ciências. Também possibilitou ao ser humano questionar o mundo, assim como criar novas teorias e invenções e experienciar seus sentimentos. Com seu surgimento, as formas de matrimônios por interesses exclusivamente políticos são enfraquecidas e as pessoas são livres para amar e escolher suas parcerias amorosas, pautadas em seus próprios sentimentos, e não mais pelo desejo de seus familiares, marcando a passagem do desejo coletivo para a importância da vontade individual. Além disso, se tornou mais provável que um membro de uma classe social se relacione amorosamente com outra diferente da sua, pois, há o entendimento do amor enquanto algo fundamental e essencial à vida humana, e que deve existir apesar de qualquer elemento que se apresente como dificuldade.

Apesar das boas intenções do romantismo, o capitalismo não deixou de influenciar no curso que o amor romântico tomou para que fosse tal como é na atualidade, já que tem em sua composição e historicidade a desigualdade de gênero e a violência que são produzidas pela cultura. Com a exacerbação do ideal de completude entre as relações cis-heteronormativas, em uma sociedade patriarcal que transforma o casal em uma unidade indissociável, ficou a cargo

da mulher se comportar de modo a merecer um parceiro para que ela possa cuidar e fazer todo o possível para sustentar essa relação, sacrificando-se e tendo como prioridade atender as necessidades desta união (Coronado, 2019). O amor romântico é um aspecto muito importante a ser discutido, uma vez que também contribuirá para a análise da obra.

Se as emoções são constituídas histórica e culturalmente como defendemos em nosso trabalho, a forma como se expressam sofre variações em diferentes territórios. Núñez (2023) faz uma importante análise que relaciona a colonização, afetos e não-monogamia. A autora analisa cartas jesuíticas nas quais os padres relatavam à coroa portuguesa enorme desconforto ao se depararem com as mulheres nuas e solicitavam com urgência vestimentas, pois vê-las despidas era uma tentação à castidade e poderia leva-los a cometer pecado. O desejo que os jesuítas sentiam pelas indígenas era terceirizado aos corpos das mulheres, ou seja, os padres atribuíam seus pensamentos pecaminosos, à exibição dos corpos nus. A culpa e o desejo que geravam conflito ao imaginar ou pensar naqueles corpos, aparecia com bastante frequência. Esse movimento entre culpa e desejo foi o que Espinosa chamou de flutuação no ânimo, ou seja, esses pensamentos que surgem de dois afetos contrários,

Se imaginarmos que uma coisa que costuma nos afetar com um afeto de Tristeza tem algo semelhante a uma outra que costuma nos afetar com um igualmente intenso afeto de Alegria, nós a odiaremos e a amaremos simultaneamente. (Espinosa, 1667/2018, p.265)

Uma das maiores dificuldades relatadas pelos jesuítas era a de que os nativos não se arrependiam, já que seus hábitos e a forma como viviam – seja a nudez e as práticas não-monogâmicas – não lhes causava qualquer sentimento que se aproximasse do que a igreja católica entendia como culpa. Aqui já é possível notar a diferença cultural referente aos afetos, deste modo, catequizar, cobrir e adestrar os corpos dos povos originários, fazer um apagamento da pluralidade daquela cultura em nome do monoteísmo, assim como colonizar os afetos dos nativos, permaneceu como objetivos dos invasores ao instaurarem sua monocultura (Núñez, 2023), o que está em consonância à preposição espinosana de que “nenhuma coisa pode ser destruída senão por uma causa externa”. (1667/2018, p.265)

O Brasil durante seus quase 300 anos enquanto colônia foi submetido às regras e costumes da Coroa Portuguesa e o documento oficial que ditava a justiça do século XVI ao século XIX era o Código Filipino. De acordo com Mello (2020), entre suas ordenanças, o documento concedia ao homem o direito de matar sua esposa em caso de adultério, ainda que se tratasse apenas de uma suspeita ou de um boato. O que havia de punição para os homens, estava mais relacionado à classe social. Caso o homem traído assassinasse um amante com

maior poder aquisitivo do que o seu, como punição, o assassino deveria ser enviado para a África, devendo permanecer lá por até três anos.

Com a Proclamação da Independência em 7 de setembro de 1822, o Brasil deixa de ser colônia e passa a ter sua própria legislação. Em 1830 entra em vigor o primeiro Código Penal brasileiro, que proibia o homem de matar sua esposa. Contudo, alterar a lei não modificou a prática dos homens de matarem suas esposas ou companheiras, em uma sociedade patriarcal, que legitima a dominação masculina. Uma ação que passou a ser proibida pelo Estado, saiu da esfera pública e adentrou de modo mais intenso a vida privada. O lar passou a ser um lugar privilegiado para a violência contra a mulher, vista como necessária para a manutenção dos bons costumes. Essa herança histórica vigora ainda nos dias atuais, como comprova os dados do Atlas da violência, ao apontar que um terço dos crimes de feminicídio que ocorrem são dentro das residências das próprias vítimas (Fórum brasileiro de segurança pública, 2021).

O movimento feminista que acontecia simultaneamente no Brasil e no mundo, foi uma importante luta contra esse controle dos corpos femininos, e uma forma de resistência à violência. De acordo com Caneiro (2003), o movimento de mulheres do Brasil mudou radicalmente o status jurídico da mulher no país, tanto no processo de democratização do Estado quanto na criação de políticas públicas. Segundo a autora, uma das principais lutas era retirar a violência doméstica da vida privada e trazê-la para a esfera pública, tornando-a alvo de políticas específicas e direcionadas.

De acordo com a divulgação recente do Atlas da violência, os casos de violência contra a mulher continuam a aumentar. A proposta orçamentária do Governo Bolsonaro que reduziu em 94% o orçamento para enfrentamento da violência contra as mulheres, junto ao radicalismo político e conservadorismo que reforçam o poder patriarcal com o incentivo do ex-presidente, colaboraram para esse significativo aumento. Outro elemento que teve influência no crescimento desses números, foi o advento da pandemia da covid-19, pois, com o isolamento, os serviços de atendimento à mulher tiveram seu funcionamento interrompido (Fórum brasileiro de segurança pública, 2023).

A criação da lei 11.340/2006, mais conhecida como Lei Maria da Penha, é um importante amparo jurídico na luta da violência doméstica e familiar contra a mulher, e sua elaboração reflete não apenas o movimento das lutas feministas, como também é expressão de uma importante luta feminista. O 5º artigo da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 que assegura a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, não foi suficiente para que uma sociedade machista fundada pela violência compreendesse a inclusão da mulher nesse direito à igualdade. Então além da busca por liberdade e proteção,

enquanto ser humano, busca-se a luta pelos mesmos direitos enquanto ser humano do gênero feminino.

Foi o que aconteceu com Maria da Penha Maia Fernandes, quando foi agredida pelo ex-marido que tentou assassiná-la duas vezes, deixando-a paraplégica. O caso não teve o julgamento devido no Estado Brasileiro, assim a vítima precisou recorrer à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) que responsabilizou o Brasil por tolerar violência doméstica contra as mulheres, levando o Brasil a elaborar uma legislação sobre a temática (Carone, 2018). Em 2006 no Governo Lula, foi criada a lei 11.340/2006, que define como violência doméstica e familiar contra a mulher “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (*Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*, p. 17).

A discussão sobre a desigualdade de gênero, e sua relação com a violência doméstica não é um tema recente na literatura. Em seu ensaio *Um teto todo seu*, Woolf (1989/2014) propõe uma reflexão sobre a pobreza do sexo feminino, e indaga sobre “o que nossas mães ficaram fazendo que não tiveram riqueza nenhuma para nos deixar?” encontra para esse questionamento duas respostas possíveis, sendo a primeira que “fazer fortunas e criar treze filhos – ser humano algum seria capaz disso” (2014, p.35-36), e que todo o dinheiro que conseguissem ganhar, teria sido propriedade do marido.

O advento do capitalismo marca de maneira significativa essa clausura desse lugar da mulher, aprisionada aos lares e à educação dos filhos, enquanto os homens se lançavam no mundo do trabalho e acadêmico. Logo, a desigualdade de gênero está diretamente relacionada ao poder econômico e aos processos educacionais, o que encontra correspondência nos dados do Fórum brasileiro de segurança pública (2023), assim como impacta na formação dos processos psicológicos, conforme apontado por Milani, Silva e Almeida (2021) no início deste capítulo.

Ao que remete a violência doméstica e familiar no Brasil, Núñez (2023) ainda traz contribuições significativas. Do ponto de vista de autora, as violências sofridas pelas mulheres estariam mais relacionadas à lógica monogâmica que entende a mulher enquanto propriedade privada, do que ao gênero em si enquanto responsável por essas violências. A autora entende o quão violenta é uma sociedade patriarcal, mas questiona ainda mais como a colonização levou a formação de uma sociedade que autoriza ainda hoje de forma velada, a exploração e o controle dos corpos das mulheres. Núñez afirma, a partir de sua análise sobre as cartas do Padre Anchieta, que não havia evidência de violência endereçadas dos indígenas do sexo masculino para as indígenas mulheres. Ou seja, a violência contra as mulheres em nosso território veio

justamente com a lógica colonizadora, e se fortaleceu ao longo do tempo, o que leva a autora a concluir que o machismo não é a principal causa da violência contra a mulher, mas lógica monogâmica que exige exclusividade dos corpos das mulheres, o que encontra correspondência no próprio Atlas da Violência, cujo evidencia a alta taxa de violência contra a mulher advindo principalmente de parceiros afetivo-sexuais.

O presente capítulo discutiu a relação existente entre a violência contra a mulher e as diferenças na socialização entre homens e mulheres em uma sociedade patriarcal. Também destacou o papel da família monogâmica na privação da liberdade das mulheres, uma vez que, nesse modelo familiar, há uma exigência endereçada às mulheres de obediência, fidelidade e exclusividade dos corpos, assim como a atribuição de atividades domésticas e restrição ao espaço do lar. Assim, a partir dessa discussão dos diferentes papéis definidos pelo gênero e pela cultura, será abordado, a seguir, o desenvolvimento do psiquismo e a constituição histórico-cultural das emoções.

## Capítulo 2: Psiquismo e Emoção

*“Senti minha mãe um pouco cismada com minhas feições, com os desvios de meus olhos, com as coisas que minha presença queria reclamar, mas eu disfarçava, tentava nada expressar. O que mais me inquietava era que aquele não era meu jeito.”*

*Itamar Vieira Júnior*

Estudar e tentar explicar o desenvolvimento da personalidade a partir de comportamentos, emoções, memória, linguagem, aprendizagem, pensamento, atenção, percepção, funções executivas, dentre outros processos cognitivos é um empreendimento que a Psicologia tem se ocupado até mesmo antes do seu reconhecimento enquanto Ciência. Na fase inicial da formação em psicologia por exemplo, geralmente se utiliza autores como Schultz e Schultz (2021) para abordar os estudos da personalidade ou da história da psicologia com uma certa divisão que pretende ser didática. Essa apresentação das perspectivas teóricas da Psicologia que tentam compreender o psiquismo humano e o desenvolvimento dos processos psicológicos de modo fragmentado - ora a partir de uma perspectiva determinista, ora a partir do ponto de vista genético, ora pela compreensão da abordagem fenomenológica existencial humanista - em menor proporção, se ocupa da teoria histórico-cultural para compreensão do psiquismo.

O presente capítulo pretende apresentar o desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo, a partir da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski que rompe com a visão dicotômica corpo/mente, razão/emoção, consciente/inconsciente, comportamento/cognição, liberdade/determinismo psíquico, cujas bases teóricas se encontram tanto no método dialético na forma como foi proposto por Marx, quanto na investigação de Espinosa sobre a origem e natureza dos afetos, considerando o corpo em seus estudos. Assim, conforme aponta Bissoli (2014) é imprescindível compreender que

Diferentemente de outras abordagens, a Teoria Histórico-Cultural tem como um de seus pressupostos que o desenvolvimento da personalidade não é natural, mas histórico e social, ou seja, depende da integração do indivíduo, desde os primeiros momentos de vida, na sociedade, que é repleta de exigências, expectativas e costumes. (Bissoli, 2014, p.590)

ou seja, compreender a importância do funcionamento biológico e da cultura na constituição do psiquismo e que seu início se dá nas formas mais elementares, necessitando da mediação da cultura para assumirem suas formas superiores. (Tuleski, 2019). É importante ressaltar que o

foco da nossa investigação são as emoções, particularmente o perdão. Contudo para entendermos a dinâmica das emoções, devemos considerar a personalidade nesse processo, uma vez que se trata de “um sistema constituído por distintas funções psicológicas que, integradas, caracterizam a forma peculiar de cada indivíduo atuar no mundo.” (Bissoli, 2014, p. 89).

A epígrafe no início do capítulo, refere-se ao relato da personagem Belonísia da obra literária *Torto Arado* (Vieira Junior, 2019), que sofre violência psicológica e de gênero do marido, e nos encontros com seus familiares não compartilha o fato. O trecho expressa a consciência que a personagem possui referente a sua personalidade quando afirma “aquele não era o meu jeito”, assim como possui suas formas peculiares de agir no mundo, como por exemplo o modo de planejar e tentar executar seus comportamentos em seu entorno. Deste modo, a importância em considerar a personalidade ao estudar as funções psicológicas possibilita entender o papel ativo do indivíduo, e não apenas reativo às situações, ou seja, “uma pessoa com personalidade madura tem consciência de suas possibilidades, dos motivos de sua conduta, e acima de tudo, pode dominar ativamente seu comportamento” (Bissoli, 2014, pp. 589-590).

De acordo com Magiolino (2010) Vigotski não considera nem desconsidera as emoções como funções psicológicas superiores. Contudo, segundo a autora em sua investigação sobre o desenvolvimento das emoções humanas, ele “afirma sua preocupação com o desenvolvimento das funções psicológicas e das próprias emoções.”(Magiolino, 2010. P. 52). Além disso, a autora enfatiza o papel do meio social e do cultural no desenvolvimento das emoções. Por social e cultural, comumente tratados como sinônimos, Pino (2000, p.53) faz a seguinte diferenciação,

O social é um fenômeno mais antigo que a cultura pois é um dos atributos de certas formas de vida, o que nos permite falar de uma sociabilidade biológica, natural. Anterior à cultura, o social adquire dentro dela formas de nova existência. Sob a ação criadora do homem, a sociabilidade biológica adquire formas humanas, tornando-se modos de organização das relações sociais dos homens. Neste sentido, o social é, ao mesmo tempo, condição e resultado do aparecimento da cultura. É condição porque sem essa sociabilidade natural a sociabilidade humana seria historicamente impossível e a emergência da cultura seria impensável. É, porém, resultado porque as formas humanas de sociabilidade são produções do homem, portanto obras culturais.

Embora não possamos afirmar que Vigotski caracterize as emoções enquanto funções psicológicas superiores, pesquisadores contemporâneos conseguem estabelecer essa relação, como por exemplo Toassa. A autora compreende as emoções como funções psicológicas

superiores, ou culturizadas pois segundo afirma, “o desenvolvimento da personalidade num tempo histórico determinado, também é aspecto que corresponde por sua complexa determinidade e diversidade cultural: as emoções são sociais e culturizadas porque toda a consciência e personalidade o são” (Toassa, 2009, p.289). Ou seja, a partir de nossa personalidade - que seria a síntese de múltiplas relações sociais que incorporamos - é que apresentamos determinadas reações para com outros indivíduos, caracterizando assim as particularidades do desenvolvimento psíquico e das emoções humanas.

A seguir, discutiremos o desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo, levando em consideração o estudo sobre a colonização dos afetos em Geni-Núñez, a discussão sobre a liberdade em Espinosa e a questão ético-política das emoções, a partir de Sawaia e Magiolino.

## **2.1 Desenvolvimento histórico-cultural do psiquismo**

Como afirmamos anteriormente, “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura”. (Vigotski, 1929/2000, p.31). Vigotski reconhece o funcionamento biológico ou primitivo das funções com as quais uma criança nasce. Atenção, memória, pensamento, linguagem, volição, percepção e sensação são algumas das funções psicológicas que sustentarão o desenvolvimento da criança. Contudo, para que ocorra a formação das funções psicológicas superiores, tais como a atenção voluntária, personalidade, memória lógica e autocontrole, é necessário que haja a mediação nesse contato com a cultura. As emoções, entendidas por Toassa (2009) como funções psicológicas superiores ou culturizadas, no curso de seu desenvolvimento, também precisam dessa mediação. Esse processo só é possível por meio da apropriação da linguagem, que possibilita que o psiquismo seja reorganizado e transforme-se em um sistema integrado, semioticamente estruturado e que carrega as marcas da cultura e do contexto no qual ele foi desenvolvido.

Neste sentido, de acordo com Linhares e Facci (2021) o que Vigotski busca elucidar em toda a sua obra é que “toda função do desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes, em dois planos: primeiro no plano social e depois no psicológico, primeiro entre os homens, como categoria intersíquica, e logo no interior da criança, como categoria intrapsíquica.” (p. 40). No desenvolvimento da subjetividade, por exemplo, o eu não existe a priori como sujeito, esse reconhecimento do eu próprio não é espontâneo, se constrói enquanto tal a partir do contato com o outro.

Tomaremos como exemplo dessa transição de uma função psicológica mais primitiva para sua forma superior, a atenção. Trata-se de uma das funções psicológicas que nasce com a

criança, mais especificamente a atenção involuntária. Essa forma mais elementar de atenção é entendida como natural, como resposta do ser biológico a certos estímulos. Na medida em que a criança vai se desenvolvendo e precisa selecionar estímulos relevantes para suas atividades, ou até mesmo quando a cultura começa a exigir certos comportamentos e respostas, essa atenção começa a ser dirigida a determinados objetivos, a fim de cumprir exigências sociais. Mas, para que isso ocorra, é necessário que essa função seja desenvolvida, ou seja, ela vai se transformando e se reorganizando a partir da base biológica inicial, mas sendo transformada em algo qualitativamente distinto, que é justamente a marca da cultura. À medida que essa criança vai sendo inserida e socializada em diferentes espaços também esse processo vai se complexificando. Na escola, por exemplo, é demandado ao estudante que direcione sua atenção ao que está sendo transmitido e trabalhado naquele ambiente, uma vez que o aprendizado necessita de atenção; é uma atenção mais elaborada, mais duradoura, que exige um processo de concentração em um determinado estímulo. Neste processo a atenção vai gradativamente se desenvolvendo. É somente a partir desse contato com outros seres humanos e a apropriação da linguagem dele decorrente que a atenção se torna voluntária, passa a ser então uma função psicológica superior. (Leite e Tuleski, 2011).

Falar de funções psicológicas superiores não significa dizer de um apagamento das funções psicológicas básicas. A atenção involuntária não deixa de existir em nós pelo surgimento da atenção voluntária por exemplo, ambas permanecem, ainda que de forma qualitativamente distinta e sendo, agora, uma unidade. Deste modo a constituição do psiquismo se dá pela unidade do funcionamento biológico transformado pela cultura; portanto, ele possui simultaneamente características biológicas (ainda que transformadas) e elementos culturais neste processo. Afirmar que o psiquismo é cultural e que possui uma historicidade passa pela compreensão de que o estado simples de todas as funções que o ser humano possui ao nascer de forma gradativa se torna mais complexo, graças a mediação exercida nas relações sociais. (Tuleski, 2019).

Vigotski, tendo em Espinosa e em Marx o alicerce para sua visão de ser humano, compreende este enquanto unidade e critica a visão cartesiana que separa corpo e mente. No texto “O Manuscrito de 1929” o autor evidencia o quão incoerente é o mundo visto de uma perspectiva tão dualista, razão/emoção, indivíduo/sociedade, para a formação da personalidade. É necessário sempre considerar que o indivíduo, somente ao se relacionar com o outro tem a possibilidade de apropriar-se da cultura. Ou seja, o processo intrapsíquico exige o interpssíquico e a constituição da personalidade se dará nessa relação, conforme destacado por Sawaia, Magiolino e Silva,

Como já apontamos antes, para Vigotski, as emoções complexas são fruto da combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica. Essa constatação só é possível chegar a termo porque Vigotski entende a relação entre pensamento e afeto na consciência humana dentro de uma totalidade marxiana, que atrela todo o funcionamento do sistema complexo às emoções na formação da personalidade. (2022, p. 109)

É importante lembrar que embora não descarte a raiz biológica dos processos psicológicos, a ênfase que Vigotski (1925/2004) atribui à formação do psiquismo é histórica e cultural, ou seja, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores resultam das relações sociais concretas:

Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude do qual surge essa emoção. (Vigotski, p.127, 2004)

Até aqui já temos indícios de como a cultura engendra o psiquismo e de como as emoções são históricas e culturalmente construídas. Ao mencionar as emoções em *Teoria e método em Psicologia*, Vigotski reitera que as emoções complexas se dão “historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções.” (Vigotski, 2004, p. 127).

Partindo da concepção do autor acerca do desenvolvimento das emoções, o perdão constituído historicamente, cuja forma inicial é compreendida enquanto ato, que é exigido ou solicitado socialmente em determinadas culturas como veremos adiante, é o nosso objeto de estudo em sua forma complexificada, ou seja, quando ele se torna uma emoção.

Conforme já discutimos, o psiquismo é histórico e consequentemente as funções psicológicas superiores e as emoções também são. Todas as emoções são historicamente construídas e carregam a marca do contexto; mesmo que elas também tenham uma base e dependam da biologia para existir – ainda que de forma alguma se resumam a ela, pois, conforme apontado por Sawaia, Magiolino e Silva,

A emoção humana tem, assim, uma gênese social, mas isto acontece sem que os seus aspectos elementares se percam. O medo tem uma base biológica que mobiliza os seres humanos e os animais à retração diante do perigo. Contudo no ser humano, essa emoção se desenvolve e se complexifica admitindo diferentes funções e expressões culturais nas experiências vividas pelos sujeitos. (2022, p. 108)

Mas como exemplificar melhor essa afirmação? Um bebê, logo que nasce, tem uma série de espasmos musculares que fazem com que alguns membros e músculos repuxem. Um adulto que está com essa criança interpreta esse espasmo como um sorriso e reage a ele, fazendo festa e interagindo mais com ela, dizendo coisas como “você gostou!” ou “você está feliz”. Com o tempo, a criança aprende a controlar essa expressão facial e associá-la com situações agradáveis, passando a fazê-la de forma espontânea, sendo afetada também pelo ato agradável que dela decorre. Logo, uma das expressões da felicidade é o sorriso e a criança aprende que ir a um lugar no qual se diverte pode traduzir o sentimento de felicidade. Esse processo vai gradativamente se complexificando e, quando ela, já mais velha, vai a algum parque de diversão o adulto pode ir narrando como ela deve se sentir: você está se divertindo, aqui é legal, aquele brinquedo dá medo, mas pode ser bom sentir um pouco de medo, estamos felizes e vamos tirar uma foto então sorria. Todo esse contexto pode aparecer como agradável e essa criança vai compreendendo como reagir e como denominar determinadas reações que ela está tendo diante daquele contexto. Quando o adulto a chama para tirar uma foto ele também solicita que ela sorria, para demonstrar que ela está feliz. Esse comportamento vai se repetindo de diversas formas e a emoção da criança vai sendo narrado pelo adulto junto à solicitação de expressões específicas para essa emoção: você está sorrindo então está gostando; sorria para demonstrar que está gostando; sorria para tirar a foto; etc. Com o tempo, esse indivíduo vai ter uma série de significações ligadas à felicidade e apropria-se deste conteúdo cultural, transformando-o em uma emoção própria. Ainda que tenham sua origem no contexto, podem ser completamente transformadas e expressas de formas distintas pelos indivíduos, a tal ponto que eles podem inclusive desenvolver mecanismos para sentir uma coisa e buscar expressar outra – por exemplo, quando está triste, mas faz uma pose para uma foto em que aparece sorrindo, ou então no caso de um ator que em determinado momento representa uma emoção que não necessariamente está sentindo.

Este exemplo, ainda que um pouco simplista, demonstra como uma base biológica é completamente alterada e a transformação de um indivíduo em ser social é marcada por inúmeras ações e acontecimentos ao longo do tempo. O desenvolvimento não é um processo que acontece em um único momento com uma única variável, mas um longo e complexo processo que traz toda a marca das relações que os indivíduos vivenciam na realidade. Assim, a alegria é uma emoção que foi internalizada, e essa emoção regulará o comportamento daquela criança, como por exemplo sorrir ao tirar uma foto, e esse processo é o que Vigotski (1929/2000) dirá se tratar da passagem intersíquica para a intrapsíquica.

Para melhor compreender esse processo, é necessário também que nos detenhamos na distinção que Vigotski apresenta de sentido e significado e de como eles se articulam na consciência. De acordo com Santos (2015, p.141), o significado de uma palavra trata-se de “uma construção social que se solidificou com uma determinada explicação da realidade e que carrega as determinações que aquele objeto representa em um contexto específico”. Em um contexto educacional, por exemplo, o significado da palavra escola pode passar por definições de diversas teorias, utilizaremos aqui a definição a partir da pedagogia histórico-crítica para demonstrar o que corresponderia a um significado, neste caso, da palavra escola, que de acordo com Saviani (2011) trata-se de uma instituição formal que possibilita o acesso aos instrumentos necessários ao aprendizado do saber científico, erudito e sistematizado. Já o sentido da palavra escola, vai ser construído de acordo com as situações que o indivíduo vivencia, diz respeito “a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência.” (Vigotski, 1934/2010, p. 465). No trecho a seguir, da obra *Torto arado* (Vieira-Junior, 2019), podemos identificar o sentido que a escola tem para a personagem Belonísia,

Na escola, sem Bibiana ao meu lado para me ajudar, minha vida se tornou um tormento. Desde o início, minha mãe avisou à dona Lourdes, a nova professora, da minha mudez. Ela foi cuidadosa, no começo, e bastante generosa para me ensinar as tarefas [...]. Não me atraía a matemática, muito menos as letras de dona Lourdes. Não me interessava por suas aulas em que contava a história do Brasil, em que falava da mistura entre índios, negros e brancos, de como éramos felizes, de como nosso país era abençoado. Não aprendi uma linha do Hino Nacional, não me serviria, porque eu mesma não posso cantar. Muitas crianças também não aprenderam, pude perceber, estavam com a cabeça na comida ou na diversão que estavam perdendo na beira do rio, para ouvir aquelas histórias fantasiosas e enfadonhas sobre os heróis bandeirantes, depois os militares, as heranças dos portugueses e outros assuntos que não nos diziam muita coisa. (Vieira-Junior, 2019, p. 97-98)

O que se pretendeu elucidar tanto com a definição de escola, quanto com o trecho do livro *Torto arado*, é que para que uma palavra alcance seu significado, deve se considerar sua historicidade, ou seja, quais relações socioculturais ela reflete. Magiolino a partir de sua leitura vigotskiana sobre a significação das emoções, afirma a importância dos signos e da significação para a “compreensão do processo de conversão das relações sociais nas funções psicológicas” (2014,p.50). No trecho de *Torto arado*, o ensino da matemática, as histórias sobre bandeirantes, da mistura de povos, eram histórias vazias, não correspondiam à realidade de sua vivência, para Belonísia o sentido da escola representava outros elementos: violência, sofrimento e exclusão. Neste sentido,

A ordem, a hierarquia e as relações entre as funções psicológicas – tais como o pensamento e o desejo – mudam de acordo com a as posições sociais que os sujeitos

ocupam. O psiquismo se constitui assim, de modo intrinsecamente relacionado às condições concretas de vida e existência dos sujeitos e formas de organização das relações sociais. (Magiolino, 2014, p.50)

Conforme já dissemos, Vigotski não descarta a raiz biológica do desenvolvimento do psiquismo, contudo enfatiza a dinâmica que estrutura as funções psicológicas superiores, pois como afirma Tuleski (2008), todas surgirão como respostas às demandas da vida social e irão se desenvolver conforme forem estabelecidas as relações sociais. A autora acrescenta ainda, que uma forma cultural de conduta é incorporada como parte inseparável da personalidade, não apenas um hábito externo e afirma que todas as funções psicológicas superiores surgem por demandas da vida social, seja ela escolar, trabalhista, relacional, religiosa, política ou de qualquer outra ordem. Assim, de acordo com Vigotski (1932/2003) é possível afirmar que não há uma hierarquia entre as funções psicológicas, mas existe entre elas uma relação que possibilita a formação do sistema psicológico. Para que o autodomínio se desenvolva, funções psicológicas tais como vontade, memória, atenção voluntária, consciência, pensamento e emoção, por exemplo, estarão nesta rede de nexos.

A emoção e sua historicidade é o nosso principal interesse, uma vez que se relaciona diretamente com nosso objeto de estudo, o perdão. Assim, para tentarmos compreender a emoção e sua relação indissociável com o pensamento, passaremos por outras funções que também se relacionam à constituição do psiquismo. No entanto, é necessário já destacar um aspecto que trataremos mais pormenorizadamente posteriormente: como afirmamos, o psiquismo, o que inclui as emoções, é desenvolvido a partir de determinações do contexto sociocultural no qual o indivíduo está inserido. Vivemos em um contexto marcado também pelo patriarcado que se organiza em torno da diferenciação e opressão de gênero, hierarquizando e naturalizando aspectos que são social e historicamente desenvolvidos, conforme apontamos no capítulo anterior. Para que isso se organize é necessário também que homens e mulheres sejam educados de formas distintas, o que implica em diferentes formas de desenvolvimento de algumas funções psicológicas marcadas por essas diferenças. Frases como “mulheres são mais emotivas e homens são mais racionais”; “homens não choram”; “mulheres são mais frágeis e sensíveis” são apenas a expressão mais imediata dessa diferenciação, que pretendemos aprofundar posteriormente.

## **2.2 Emoção**

Emoções, afetos e sentimentos são comumente tratados de forma indiferenciada. Sawaia e Magiolino (2016) apontam que não era uma grande preocupação de Vigotski a

“diferença conceitual entre os termos, mas também não os apresenta como sinônimos” (p. 76). Também identificam que “em cada uma de suas obras Vigotski usa, com mais frequência uma delas, ou sentimento, ou emoção, ou afeto ou paixão.” (p.76). As autoras afirmam que são termos que geram muito interesse, porém são colocados em segundo plano e tratados como empecilho ao conhecimento. Por gerar interesse, há uma pluralidade de definições para as emoções em diferentes campos científicos: tanto no campo das ciências, com a Biologia e Neurologia que as definem a partir do predomínio do significado biológico, quanto na Antropologia e Sociologia que enfatizam suas dimensões culturais e sociais (Magiolino, 2014).

Não é nosso objetivo fazer uma diferenciação minuciosa entre afeto, sentimento e emoção, mas consideramos importante para a compreensão deste estudo destacar a análise realizada por Sawaia e Magiolino (2016) sobre as nuances da afetividade, principalmente para compreendermos dinâmica do psiquismo e o psiquismo enquanto drama a partir da complexificação das emoções. Segundo as autoras, “o conceito de sentimento indica a emoção que permanece presentificada apesar de já ter sido vivenciada” (p.84), ou seja, pode ser continuamente atualizada pelo contato com a intensa experiência emocional,

A ideia de sentimento também permite transcender as noções clássicas de tempo e espaço na análise dos afetos, e, assim, entender o sentimento como emoção sem marcação cronológica e espacial, ligado à memória, à imaginação e as afetações fossilizadas, bem como a compreensão da coexistência das emoções contraditórias: amor e ódio pelo pai e pela mãe, não por questões inconscientes, mas pela mediação da memória e da imaginação, a qual, segundo Espinosa, como já dito, permite ao homem ser afetado de diferentes maneiras por uma mesma coisa ou pela afetação do outro.” Sawaia e Magiolino (2016, p.85)

Quanto a afirmação vigotskiana de que as emoções são mediadoras do psiquismo ou organizadores internos do nosso comportamento, é elucidada por uma das autoras do seguinte modo,

Na perspectiva vigotskiana as emoções humanas deixam de ter um estatuto estritamente biológico que aproximaria ou identificaria às emoções animais e assumem uma função no psiquismo humano. Mas, de uma função especificamente orgânica e biológica a emoção assume uma função socialmente orientada: de regulação dos estados internos à orientação do comportamento e (trans)formação da personalidade. (Magiolino, 2010, p. 93)

Segundo a autora, a emoção “se complexifica admitindo diferentes expressões” e se relaciona “à consciência, mas isto acontece sem que os seus aspectos elementares se percam”. (Magiolino, 2010, p.158). Assim como a autora, que discute sobre a complexa ligação da emoção “às funções psicológicas superiores, (linguagem, memória, pensamento) e à Significação” (p.159), outros(as) autores(as) contemporâneos fazem essa aproximação, como

Toassa (2009) a partir de Vigotski, que compreende as emoções enquanto funções psicológicas superiores ou (culturizadas), ou seja, no desenvolvimento infantil por exemplo, a criança a princípio busca uma satisfação imediata, e assim costuma ter reações emocionais extremadas diante de uma frustração, contudo a partir da cultura, adquire a possibilidade de realizar longas atividades para no fim, alcançar a satisfação. Deste modo é possível compreender a emoção como um “processo dialético” e que “ao fazer parte do mundo dos sujeitos, a emoção significa na relação de alteridade e no contexto enunciativo em que emerge e se (re)produz”. (Magiolino, 2014, p.55).

Para Vigotski (1932/2003) as emoções devem ser compreendidas em sua relação indissociável com as demais funções psicológicas e, principalmente, com o pensamento. Emoção e razão não são excludentes ou não podem ter uma relação hierárquica; ao contrário, a emoção não existe sem o pensamento e, ao mesmo tempo, todo pensamento tem em sua base um aspecto afetivo-volitivo que o explica e possibilita. Para melhor compreender essa afirmação, é necessário que nos detenhamos brevemente na compreensão espinosana, na qual Vigotski encontrará contribuições para seus estudos sobre as emoções, ao afirmar que “conhecer os afetos muda a ordem e a conexão das/entre as funções, na/pela palavra, na/pelas relações sociais” (Magiolino, 2014, p.51)

### **2.3 Uma visão espinosana dos afetos**

Baruch Espinosa nasceu na Holanda, em 1632 e viveu até os 44 anos. De família judia, havia expectativa por parte de seus familiares de que se tornasse rabino, contudo em função de suas concepções filosóficas que divergiam das crenças de sua comunidade, acabou sendo expulso e proibido de se comunicar ou se aproximar de qualquer membro da sinagoga. Segundo Santos e Ribeiro (2020), Espinosa viveu uma vida simples, e sobrevivia com a ajuda de amigos. Ao longo de sua vida, escreveu obras importantes para o pensamento ocidental, dentre elas, a sua obra de maior destaque, *Ética* (1677/2018).

Algumas inquietações do autor, tais como, a contradição no ser humano, em não suportar a própria liberdade; a compreensão que tem de Deus enquanto substância única, ou seja, ele por si só é perfeito e infinito; a crítica à visão cartesiana que divide o ser humano entre corpo e mente; a origem e natureza dos afetos, que na compreensão do autor não considera o ser humano nem bom nem mau, mas como um ser dotado de paixões. Assim Espinosa estrutura metodologicamente sua obra.

A sua principal obra é a *Ética*, que se divide em cinco partes, cujas noções já mencionamos, sendo elas: Deus; a natureza e origem da mente; a origem e natureza dos afetos;

a servidão humana ou a força dos afetos e por fim, a potência do intelecto ou a liberdade humana. De acordo com Santos e Ribeiro, o que Espinosa nos deixa como legado de sua filosofia é que “sair do território da servidão é entender as causas dos encontros e neles exercitar caminhos de liberdade” e que sua obra não é um tratado moral, mas “uma máquina de guerra contra a tirania.” (2020, p. 21).

Na terceira parte de *Ética*, Espinosa inicia a discussão sobre a origem dos afetos, criticando o método cartesiano que privilegia a mente como única responsável por determinar o ser humano, cindindo-o e apartando-o da natureza. Espinosa se propõe a estudar a potência da mente sobre os afetos e a natureza deles, pois considera importante compreendê-los, ao invés de abominá-los, ridicularizá-los ou deplorá-los. Na discussão que faz na quarta parte de *Ética*, Espinosa destaca que quando o ser humano está submetido aos afetos, dificilmente consegue controlá-los, e ainda que perceba o que é melhor a se fazer para si, muitas vezes é forçado pelos afetos a fazer o pior, o que ele chama de estado de Servidão,

Chamo de Servidão à impotência humana para moderar e coibir os afetos; com efeito, o homem submetido aos afetos não é senhor de si, mas a senhora dele é a fortuna, em cujo poder ele está de tal maneira que frequentemente é coagido, embora veja o melhor para si, a seguir porém o pior. (Espinosa, 1677/2018, p. 371)

Emoções, sentimentos e afetos a princípio pareciam serem tratados por Vigotski de forma indiferenciada, como se tais temáticas não fossem do domínio do autor (Machado, Facci & Barroco, 2011). Contudo é importante salientar que as emoções não apenas permeiam todo o seu trabalho como o autor “escreve sobre as emoções alicerçado na filosofia monista de Espinosa e nos preceitos do materialismo histórico-dialético proposto por Marx.” (Sawaia, Magiolino & Silva, 2022, p.98). Assim, ao encontrar o elo entre cognição e afeto em Espinosa e romper com a dualidade corpo/mente, Vigotski se interessa pela visão monista do filósofo na qual entende o corpo e a mente enquanto indissociáveis:

O que primeiramente constitui a essência da Mente é a ideia do corpo existente em ato, o que é primeiro e principal no esforço de nossa Mente (*pela Prop. 7 desta parte*) é afirmar a existência de nosso Corpo; e por isso uma ideia que nega a existência de nosso Corpo é contrária à nossa Mente etc. C. Q. D. (Espinosa, 1677/2018, p.255)

O que se pode inferir dessa reflexão de Espinosa é a relação dialética entre corpo e mente. Não é possível controlar uma emoção como a tristeza por exemplo haja vista que o sujeito é corpo, e a expressão de uma emoção por exemplo, ainda que seja negada ou haja uma tentativa de ocultá-la, como ilustrado na epígrafe, pode gerar conflito e sofrimento no sujeito.

Sobre a indissociabilidade do corpo e mente ou da emoção e intelecto por exemplo, Sawaia (2000) sintetiza a reflexão de Espinosa. A partir do referencial vigotskiano, afirma que

a emoção é basilar para se construir o conhecimento e tal afirmação se contrapõe a visão dualista que direciona o conhecimento para o campo da razão e a emoção para a sensorialidade. Também segundo a autora,

Quem pensa, sente e conhece é o sujeito que é afetado pelas afecções de seu corpo/alma no encontro com outros corpos. Não são as práticas discursivas que se apropriam do sujeito como fantasmas poderosos comandando seus desejos e emoções ou as leis da natureza por meio dos instintos geneticamente gravados. Ambos são determinações importantes dos nexos que se estabelecem entre as funções psicológicas superiores na configuração, tanto das emoções instantâneas, quanto dos sentimentos. (Sawaia, 2000, p.13)

Para Espinosa (1677/2018) os corpos ao se encontrarem deixam suas marcas uns sobre os outros, o que ele chamou de afecções. Essas relações entre os corpos e o pensamento acerca disso, geram os afetos. Magiolino (2010) confirma essa identificação que Espinosa faz dos afetos às afecções corpóreas, ou seja, afecção refere-se ao estado provisório pelo qual passa um corpo, frente à uma situação presenciada ou vivida diante de outro corpo. O afeto seria então o aumento ou diminuição desse “conatus” ou esforço para agir, tanto no corpo e na mente de modo simultâneo. O trecho a seguir, exemplifica uma redução na potência de agir do personagem, cuja mente está em consonância com o corpo, e nenhum dos dois oferece reação aos estímulos apresentados pela personagem Lucy, de *Tudo é rio*

Nada aconteceu. Nada latejou nele. Nem quando ela foi ficando louca, quando pegou seu pau triste e pôs na boca, quando molhou o bico do peito com os dedos e se deitou sobre ele se movimentando frenética, desvairada, nem quando implorou com palavras chulas para ter ele dentro dela, nada aconteceu. Lucy tinha tentado tudo o que sabia, esbarrou no próprio cansaço, achou que tinha chegado perto, mas viu como nunca o tamanho da distância. Ele não estava lá. Não botou ela para fora porque estava ausente. Só seu corpo, vazio de vontade, continuava ali, sem reação, respirando indiferente. Era um homem morto no corpo vivo. (Madeira, 2022, p.144)

Na filosofia espinosana, o ser humano não busca sua autodestruição, existe o “conatus”, esse desejo por vida, força, pela alegria, e a fuga da tristeza, angústia, dor, despotencialização e de qualquer elemento que ameace a existência, o que Chauí (2000) chama de possibilidade objetiva, “alguma coisa inscrita no coração da necessidade, indicando que o curso de uma situação pode ser mudado por nós, em certas direções e sob certas condições” (p. 466). De acordo com Chauí (1995) o “conatus” é a busca em perseverar, conservar-se na existência e assim permanecer, a menos que fatores externos e mais fortes o destruam, com a diminuição da potência de agir. Essa redução da potência do agir pode se dar de diversas maneiras, seja no olhar que subtrai o outro, na indiferença, nos gestos ou em um rompante de violência. Há nesse processo uma imobilização, uma decomposição geradora de tristeza. Em um contexto de

violência doméstica a reação pode vir como antecipar o que se supõe ser a demanda do outro a fim de escapar das agressões, pode inclusive ser a falta de reação, como a imobilização da vítima, um esvaziamento de si e seu silêncio.

A forma como uma pessoa se comporta frente à uma situação de violência não está dissociada do histórico relacional entre a vítima e o autor, tampouco das emoções que compõem essa complexa trama. Mesmo que haja uma relação de proximidade que influencie a forma de reação da vítima frente à ofensa, com frequência há pouca ou nenhuma consciência do porquê reage de determinado modo em detrimento de outro (Santos, 2015). Nesse sentido, comportamento e emoção devem ser tratados como unidade, uma vez que a “psicologia dialética consiste justamente na tentativa de determinar de modo completamente novo seu objeto de estudo, que não é outro senão o processo integral do comportamento. Ele se caracteriza por contar tanto com componentes psíquicos quanto fisiológicos.”(Vigotski, 1930/2004, p. 146).

Espinosa ao discutir os afetos em *Ética*, elenca quarenta e oito afetos e os define, sendo a comiseração o décimo oitavo afeto em sua listagem e a misericórdia o vigésimo quarto afeto. O filósofo estabelece a relação entre comiseração e misericórdia da seguinte maneira:

XVIII. A Comiseração é a Tristeza conjuntamente à ideia de um mal que ocorre a outro que imaginamos ser semelhante a nós. *Ver Esc. da Prop. 22 e Esc. Da Prop. 27 desta parte.*

#### EXPLICAÇÃO

Entre a Comiseração e a Misericórdia parece não haver nenhuma diferença, senão talvez que a Comiseração diz respeito a um afeto singular e a Misericórdia ao hábito deste [afeto]. (Espinosa, 1677/2018, p. 349)

Mais adiante, discute a Misericórdia a partir da inveja, que é o vigésimo terceiro afeto listado por ele,

À inveja opõe-se comumente a Misericórdia, que por isso, forçando a significação do vocábulo, pode ser assim definida:

XXIV. A Misericórdia é o Amor enquanto afeta o homem de tal maneira que se regozija com o bem do outro e, inversamente, entristece-se com o mal do outro. (Espinosa, 1677/2018, p. 351)

Sponville em sua obra *Pequeno tratado das grandes virtudes* (1999), acredita que a misericórdia em Espinosa, trata-se da virtude do perdão, assim, Sponville defende que perdoar é cessar o ódio. O filósofo fala sobre a tradição que nos direciona a conceber o perdão como esquecimento e apagamento da falha, como se o ato causador de ofensa e sofrimento não houvesse acontecido, e conclui seu raciocínio afirmando tratar-se de um poder que não temos,

já que o passado não pode ser refeito. Como o que impulsiona o nosso trabalho é a compreensão do perdão, é necessário que nos detenhamos um pouco nessa emoção.

## 2.4 Perdão

Como veremos adiante, o significado é o ponto de partida para a construção do psiquismo, o que inclui a emoção, que é individual e histórico-cultural ao mesmo tempo, assim, é necessário então que nos detenhamos um pouco na definição do que é o perdão. O dicionário online Michaelis (2025) define o perdão de três modos similares, sendo o primeiro, enquanto remissão de uma culpa, dívida ou pena. O segundo, como a desobrigação do cumprimento de um dever, e por fim o perdão enquanto disposição para perdoar. Diante dessas definições inicialmente apresentadas a partir do dicionário, discutiremos o modo com o perdão comparece na obra literária *Tudo é rio*, utilizando para isso outros significados que serão apresentados ao longo do trabalho, que inclui o drama do psiquismo e a dinâmica dos conflitos das emoções também compreendida como “estado de flutuação da alma concebido por Espinosa”. (Magiolino, 2014, p.56).

A obra literária *Tudo é rio* começou a ser escrita no final dos anos 1990 por uma autora brasileira: Carla Madeira. O tempo histórico e o contexto social influenciaram para tomar a referida obra como instrumento de análise sócio-histórica das emoções e investigar a expressão do perdão frente a uma situação brutal de violência doméstica e familiar contra a mulher. O interesse pela personagem Dalva que é vítima de uma agressão brutal perpetrada pelo cônjuge, se justifica pelo nosso objetivo em investigar o perdão em situações de violências que envolvem o discurso do amor romântico nas relações afetivo-sexuais, o que comparece nos estudos de Geni-Núñez (2023) como colonização dos afetos e adestramento dos corpos femininos.

Carla Madeira em entrevista concedida à CNN em 2021, relatou que ao iniciar a escrita de sua obra, se deparou com uma cena brutal, e como a obra de arte se propõe a possuir uma autonomia relativa, uma dialética interna (Lukács, 1955/2011) a continuação do romance ficou paralisado por mais de uma década, ao se ver sem saída para aquela personagem vítima de um ataque. Ao mesmo tempo, é possível perceber traços na obra, de uma influência indireta do movimento feminista ao buscar alternativas para suas personagens, quando se coloca a ouvir-lhes, e tenta resistir ao silenciamento e opressão das forças hegemônicas. A recorrência do protagonismo feminino no romance, ao buscar romper com dogmas religiosos, e o retrato da vulnerabilidade a situações de violência contra crianças e mulheres dentro dos próprios lares, também são traços característicos da autora.

No caso da personagem da obra, não se trata somente de perdoar ou não o agressor, ele não é o agressor apenas, é o seu esposo e ambos construíram seu relacionamento nas premissas do romantismo<sup>5</sup>, cujo movimento surgiu em oposição ao racionalismo e possui como características a expressão dos sentimentos, liberdade, o entendimento do amor como algo fundamental e essencial à vida humana que deve ter sua manutenção garantida apesar da dor, sofrimento e até mesmo a morte, uma vez que do ponto de vista do romantismo a vida é inconcebível sem amor (Coronado, 2019).

O romantismo é, de certa forma, estruturante de nossas relações ainda hoje, particularmente essa valorização extrema do amor afetivo-sexual. Silva e Magiolino (2018) discutem a liberdade em Espinosa, a partir de uma ação que considera autonomia e consciência do indivíduo, sendo entendida como paixão alegre. do contrário, “para Espinosa a paixão é triste quando é causa inadequada do que se produz dentro ou fora do homem, e se configura como afeto passivo e produz alienação” (pp. 50-51) Assim fizeram Dalva e Venâncio, prometeram se amar, foram livres para se escolherem e o casamento foi decidido pelos dois. Não estão mais em um contexto de casamentos arranjados por interesses políticos, estão em um solo que é permitido expressarem seus sentimentos, mas apenas um para o outro, pois há nessa união um contrato de exclusividade.

Embora não se trate de um casamento arranjando e haja indícios de liberdade para estarem juntos, é importante discutir esse contrato de exclusividade pela perspectiva da instauração da família monogâmica discutida tanto por Engels em *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* quanto por Leacock em *Mitos da dominação masculina*. Para os autores, a monogamia era endereçada à mulher que deveria obediência e fidelidade ou seria punida, já a infidelidade masculina era aceita socialmente. O ciúme que segundo Engels (1884/2019) foi um sentimento que se desenvolveu tardiamente, não se tratava de uma questão de amor exclusivo, mas uma forma de controle patrimonial.

Diante das situações expostas, é possível levantar alguns questionamentos que inclusive versam sobre perdão e gênero, tais como: O que leva uma mulher a perdoar seu parceiro frente a uma situação de violência? O perdão é emoção ou comportamento? Como saber se o que está no discurso corresponde ao que se sente? A fim de elucidar tais indagações, faremos um breve resgate histórico do perdão e o porquê entendemos o perdão enquanto emoção, ou seja, como uma função psicológica superior, de acordo com Vigotski.

---

<sup>5</sup> Aqui estamos nos referindo ao romantismo enquanto movimento literário.

#### 2.4.1 Uma Breve História de Amor e Perdão

Um primeiro aspecto a ser trabalhado é o modo como o perdão é compreendido e expresso na cultura brasileira, mas antes, é importante versar sobre a construção histórico-cultural do perdão. Em um contexto como o da cultura judaico-cristã por exemplo, o perdão é uma atividade, um ato de nobreza que envolve sacrifício, “tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (I Coríntios 13:7). Por essa perspectiva, o perdão seria uma ação relacionada ao comportamento que está externo ao indivíduo pois, o “ato de perdoar”, caminha para uma resolução de um conflito entre o ofensor e o ofendido. Outra forma de conceber o perdão é discutida por Sponville (1999), enquanto alternativa para a vítima se ver livre do ódio que sente pelo agressor, ou seja, uma possível definição de perdão a partir do filósofo, é que não se trata de esquecer os danos sofridos, mas de cessar de odiar. Contudo essa forma que Sponville concebe o perdão, requer uma afetação mais intensa, como propõe Espinosa ao afirmar “um afeto não pode ser coibido nem suprimido a não ser por outro afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser coibido” (2018, p.389).

Ao pesquisar sobre o perdão na perspectiva do ofensor, Alencar e Abreu (2019) identificaram alguns comportamentos que se espera do ofensor, tais como, o reconhecimento da injustiça cometida, culpa pelo ato e respeito ao tempo e espaço da vítima para que esta considere se perdoará ou não. Contudo não é o que nossa produção cultural demonstra acontecer. Os elementos produzidos em nossa sociedade e que conseqüentemente refletem na esfera doméstica, retratam o perdão enquanto uma escolha voluntária da vítima, quando na verdade essa dinâmica se dá a partir de uma exigência, e que segue alguns critérios, tais como: a ideia de que se há o perdão, não se toca mais no assunto; os atos de arrependimento do ofensor têm grande peso na concessão do perdão; e perdoar significa, principalmente para a mulher, se manter na relação após a impressão de que houve o perdão. Como exemplo, temos a expressão do entendimento do perdão, no trecho da música de Israel e Rodolfo, *perdoou nada*:

“Mas eu fui homem o suficiente pra assumir que errei / E te dei escolha / Perdoa ou não perdoa? / E a gente decidiu ficar junto / Eu prometi não fazer mais / E você não tocar mais no assunto / 'Cê perdoou / Mas vira e mexe 'cê dá uma lembrada / Não po' beber que 'cê joga na cara / E seu ciúme ataca / E vira brigaia / Perdoou? Perdoou? Perdoou nada!”.

No trecho da música parece haver um conflito, pois o personagem espera ser perdoado e que sua ofensa não seja lembrada, ou seja, há um entendimento de que o perdão ocorre com o esquecimento da ofensa. Contudo, é importante ressaltar que não há uma hierarquia entre as funções psicológicas e que uma função não exclui a outra (Vigotski, 1932/2003) ou seja, no

exemplo da música em questão, é possível perdoar e se manter na relação, ainda que a ofensa seja lembrada.

Se o perdão corresponde à remissão de uma culpa, ou a absolvição de um crime, conforme a definição do dicionário Michaelis (2025), é importante considerar como essa culpa é vivenciada pelo homem e pela mulher, uma vez que o significado social da culpa assim como de outras emoções, tem pesos diferentes a depender do gênero como será tratado mais adiante. Assim, a culpa que o ofensor alega sentir referente à violência que pratica contra a mulher, opera como um dos afetos que visa alcançar o perdão. Também é importante considerar que a importância para que o perdão ocorra pode estar diretamente relacionado aos interesses que subalternizam os corpos e vidas principalmente das mulheres na esfera doméstica e familiar. Existe nesse sentido uma gama de referências musicais e literárias, que se referem à expectativa de como a mulher deve se comportar, o que sentir e como sentir. A música *com açúcar com afeto* de Chico Buarque, retrata a narrativa de uma mulher à espera de seu parceiro que lhe faz inúmeras promessas e não as cumpre, e por fim lhe pede perdão:

Quando a noite enfim lhe cansa / Você vem feito criança / Pra chorar o meu perdão / Qual o quê! / Diz pra eu não ficar sentida / Diz que vai mudar de vida / Pra agradar meu coração / E ao lhe ver assim cansado / Maltrapilho e maltratado Ainda quis me aborrecer? / Qual o quê! / Logo vou esquentar seu prato / Dou um beijo em seu retrato / E abro os meus braços pra você.

Conforme já dissemos a partir de Espinosa, apenas um afeto pode modificar outro afeto, e isso pode ser percebido no recorte da música quando a mulher se afeta com a tentativa do homem em agradá-la, pois, estar chateada e querer estar perto do homem a faz entrar em conflito.

De modo similar, Vinicius de Moraes em *Samba da bênção*, retrata a figura feminina afirmando que precisa ser algo mais do que bonita, deve ser “Feita apenas para amar / Para sofrer pelo seu amor / E pra ser só perdão”. E ainda se tratando de uma sociedade extremamente machista, e que se utiliza do ciúme para justificar e legitimar atos de violência, para depois recorrer ao perdão (ou comportamentos que expressem perdão) enquanto forma de mediar o amor e violência, temos a expressão disso na música de Sidney Magal, “Se te agarro com outro / te mato! / te mando algumas flores / E depois escapo”.

Mas perdão ao quê? Ribeiro (2016) ao fazer reflexões em seu ensaio *Graciliano Ramos e as aporias do perdão*, afirma o seguinte acerca do perdão:

Perdoar é, em certo sentido, esquecer. Esquecer o agravo sofrido, a dor observada, a humilhação experimentada, sempre em função de um desejo (de um imperativo?) de reconciliação e apaziguamento. Perdoar, no entanto e ambigualmente, é também lembrar-se, ter plena consciência do que foi vivido com terror para que, desse modo, tal evento possa ser entendido de maneira plena, observado sob todos os seus ângulos, digerido, enfim, apesar de toda a carga de associações e lembranças negativas a que está relacionado. (Ribeiro, 2016, p. 44)

No trecho apresentado em que Ribeiro (2016) define perdão, nos faz questionar se o perdão às vezes não se trata de uma concessão frente a uma vontade própria ou frente ordem de outrem. Referente à noção de perdão enquanto um processo intrapessoal, Santana e Lopes afirmam que tal processo “ocorre internamente no indivíduo, e que traria mudanças nas cognições, nos comportamentos, nas emoções e/ou nas motivações da pessoa ofendida” (2012, p.623). Ainda de acordo com os autores, o perdão passou a ser alvo de investigação da psicologia em contexto brasileiro somente a partir dos anos 2000 e nesse campo é compreendido como a disposição ao comportamento para abrir mão de certos sentimentos e substituí-los por comportamentos considerados mais convenientes (Santana e Lopes, 2012).

Sawaia (2000) nos alerta para olhar com criticidade para essas tendências que estão em crescimento, que privilegiam o controle das emoções e contam com guias rápidos para regular os sentimentos e evitar atritos, quando sabemos que o conflito é parte intrínseca do psiquismo e a sua superação inicia um novo movimento que também é dramático; a sua supressão de forma racional nunca é verdadeira. Ainda sobre a emoção, a autora destaca a importância da temporalidade,

A emoção é o afeto que irrompe na relação imediata e é momentânea, breve, centrada em objetos ou imagens que interrompem o fluxo normal da conduta de alguém, provocando modificações corpóreas e comportamentais, facilmente constatáveis. O que não significa que seu conteúdo seja elaborado na situação. Ele tem história, depende da minha memória e dos outros das minhas relações. Nas emoções do instante, aglutinam-se instantaneamente as frustrações e os desgostos acumulados que a vida nos reservou, que julgamos que ela ainda nos reservará. No medo, condensam-se todos os possíveis perigos, meus e de minha família, classe e nação, presentes, passados, bem como os futuros, sem rosto, que nos angustiam. (Sawaia, 2000, p.15)

Assim como as demais emoções, o perdão tem um caráter histórico e não pode ser regulável e aplicável em função de demandas hegemônicas, trata-se de uma emoção complexa, para ser reduzida a tal modismo. Além disso, também deve considerar a experiência vivida pelo indivíduo, a personalidade e temporalidade para sua elaboração e desenvolvimento. A seguir, discutiremos brevemente sobre a história dessa emoção para que possamos melhor compreendê-la, centrando-nos principalmente nas relações que essa emoção tem com o gênero e as relações matrimoniais/afetivas.

Em *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*, Davis (2001) apresenta sua pesquisa realizada sobre arquivos franceses que continham conjuntos de histórias de crimes ocorridos no século XVI que culminavam em homicídios. As cartas de perdão eram instrumentos jurídicos utilizados como recursos pelos súditos para que o rei tivesse clemência e os absolvesse de seus crimes, os livrasse da sentença de morte.

Em sua análise, a historiadora identifica que a avaliação para a concessão do perdão para homens e para mulheres, tinham peso diferentes. Se um homem matasse a esposa por se sentir insultado, ter sua honra ferida, ou simplesmente justificasse seus atos por ter sido tomado por emoção intensa como ciúme e a raiva, era mais provável que obtivesse perdão. Quando as mulheres cometiam o mesmo crime contra seus parceiros, as emoções que elas sentiam ao realizar tal ato não eram consideradas, as mulheres não poderiam sentir raiva ou ciúmes, inclusive eram coagidas ao silenciamento. Isso nos dá pistas de como o perdão já era tratado a partir de uma diferenciação de gênero: a mulher deve perdoar, mas não ser perdoada; a ela também não cabem emoções que expressem violência ou mesmo posse. Quando sofriam agressões e perseguições de seus parceiros, correndo risco de morte, não podiam agir em legítima defesa, deveriam tentar de todas as formas a fuga, mesmo em casos extremos, dificilmente uma mulher conseguia perdão por seus crimes. O que às vezes as livravam de condenações, eram ações justificadas pela defesa aos filhos e à religião:

A raiva das mulheres, no entanto, era aceita em poucas circunstâncias. Na teoria clássica dos humores, o homem era quente e seco, e podia ser levado pela feroz bília amarela tanto à fúria de um assassinato como às intensas paixões de guerra. A mulher era fria e úmida, sua ira era intensificada pela fleuma, acomodada pela melancolia. [...] Se irrompia em violência, a ira de uma mulher podia ser aceita em casos excepcionais, como em defesa dos filhos ou da religião, ou em defesa de seu país, como nos casos de Judite e Joana D'Arc. No entanto, os derramamentos de sangue legítimos ficavam em sua maioria nas mãos dos homens. (Davis, 2001, p. 122)

O perdão no contexto atual, com frequência é entendido como um comportamento. Fonsêca et al. (2021) ao pesquisar o perdão nas relações conjugais, destaca que o perdão conjugal, seria abrir mão do ressentimento ao parceiro ofensor. Segundo os autores, o perdão opera como uma forma para evitar que o matrimônio seja dissolvido, ou seja, mesmo que se trate de uma transgressão muito grave, que cause inclusive risco de morte ao cônjuge, perdoar é a resolução que se elege diante deste cenário na maioria das vezes. Esse dado que relaciona o perdão enquanto manutenção do matrimônio, lança luz sobre uma possível forma de analisar a dinâmica da personagem Dalva na obra literária *Tudo é rio*, pois, há indícios do peso da religião na trama, a defesa dos filhos, o dever conjugal que a julgar pelo tempo histórico não

oferecia possibilidade do divórcio, além do drama do psiquismo vivido tanto pela personagem quanto pelas mulheres do nosso contexto cultural que são representadas pela obra.

Quanto a demanda por perdão discutida por Fonsêca et al. (2021), só parece estar resolvida quando o ofendido diz que perdoou. Ou caso recuse, nossa cultura pautada em premissas judaico-cristãs, costuma cobrar que as pessoas perdoem, principalmente quando o alvo da ofensa é uma mulher (Coronado, 2019). Contudo, nossa investigação parte do pressuposto de que o perdão é claramente mais complexo do que apenas anuncia-lo, pois, como saber se de fato houve o perdão quando o que se sente muitas vezes entra em contradição ao que foi verbalizado ou expresso por comportamento?

Além da complexidade de compreender o perdão, tentar entender o que e a quem a mulher deve perdoar, trata-se de uma complexidade ainda maior. Por um lado, há uma lista que data desde quando teceram a narrativa de que viemos da costela de um homem e que por nossa culpa a humanidade foi condenada ao sofrimento. Curiosamente, por essa narrativa não demandaram perdão. Tampouco fomos solicitadas a perdoar quando resolveram que seríamos propriedade privada dos homens (Engels, 1884/2019), ou quando criaram um contrato sexual sem nos consultar (Pateman, 1988/2008). Por outro lado, “o mesmo fato pode ser considerado normal por uma mulher e agressivo por outra” (Saffioti, 2015, p. 50.) e se considerado normal, haveria implicação suficiente para considerar o perdão?

Assim, compreendemos que se o perdão é utilizado a fim responder a interesses hegemônicos de ordem religiosa e patriarcal, como por exemplo preservar a instituição familiar, tal como destacado por Fonsêca et al. (2021) - ficando à cargo da mulher manter tal instituição - quisemos demonstrar no presente trabalho que as emoções, em um mesmo contexto histórico, também sofrem distintas mediações; entre elas, o gênero.

No processo de desenvolvimento do psiquismo, as mediações fazem com que a forma como homens e mulheres se emocionam sejam distintas. Isso não ocorre por elementos biológicos, como normalmente são tratadas as diferenças de gênero, mas por um elemento cultural, que socializa de formas diferentes e, nesse processo, também produz diferentes formas de sentir e expressar emoções, de reagir a elas, da forma como elas se articulam na dinâmica psíquica e assim por diante. Assim, parafraseando Vigotski, tanto quanto é necessário distinguir o ciúme do maometano daquele de um sistema de conceitos opostos, é necessário distinguir a forma como o perdão se articula com outras emoções e podem ter fundamentais diferenças a depender do gênero, conforme discutimos no capítulo anterior.

### Capítulo 3: A natureza política e artística da criação humana em *Tudo é rio*

*“No dia em que Venâncio arrancou o filho dos seus braços quentes e o atirou longe, ela conheceu a dor desumana de perder tudo. Perdeu o homem que amava, o filho que amava e a fé. Venâncio bateu nela, e a misericórdia de Deus não veio ao seu encontro. Continuou viva. Morrer teria sido um gesto de bondade, morta perdoaria Deus. Queria a inconsciência, não mais saber, não ter visto, não ter vivido. Mas, ao contrário, o escuro estava aceso como nunca, tudo estava lá no seu corpo pesado e impotente, na sua alma ensanguentada. Não esqueceria. Perdeu todas as palavras.”*

Carla Madeira

Este capítulo se propõe a fazer a análise da obra literária *Tudo é rio*, que foi tomada como fonte de pesquisa para investigar as emoções, mais especificamente o perdão, e o modo como este último se expressa a partir das relações de gênero. Concordamos com Ferreira (2015) com a afirmação de que “toda ficção está sempre enraizada na sociedade” (p.67), também sobre a legitimidade da obra literária como fonte de pesquisa, a partir do momento em que agregue para a compreensão do “objeto específico de estudo e se tenha em conta sua natureza: política, econômica, científica, religiosa, artística, técnica ou outra.” (Ferreira, 2015, p.81).

A epígrafe deste capítulo narra a cena brutal de violência que direciona a narrativa, embora diversos rompantes de violência do referido personagem tenham ocorrido durante toda a obra, mas em escalas menores. Frases difundidas no senso comum, tais como “ninguém leva um soco no primeiro encontro”, podem ser explicadas pela Teoria de Lenore Walker, psicóloga e pesquisadora sobre violência doméstica e autora do livro *Battered Woman*. A difusão da teoria do Ciclo da Violência, comumente destacando três fases: tensão, agressão e lua de mel (Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, 2020), tem sido compartilhada em cartilhas de enfrentamento à violência doméstica elaboradas pelo Governo Federal. O ciclo da violência é uma das formas de explicar o escalonamento do nível de violência, contudo é importante ressaltar a complexidade da violência, e nem todas passam por esse ciclo.

A fase de tensão, refere-se ao mal-estar gerado por insultos, provocações, acusações e ameaças, gerando atrito no relacionamento. A agressão, se dá pela dificuldade de autodomínio da conduta. Geralmente é justificada por um descontrole motivado por emoções como raiva ou

ciúmes. A lua de mel, é a fase que o agressor tenta mostrar arrependimento, agindo de modo cuidadoso e afetuoso. Tenta agradar a vítima e frequentemente pede perdão à vítima, com a promessa de mudar o comportamento (Madaloz, Silva, Alves, e Lauxen, 2023).

No início do relacionamento de Dalva e Venâncio, Ildeu, amigo de Dalva, foi visita-la no aniversário dela. Quando Venâncio estava chegando à festa, viu Ildeu chegar, entregar flores e se abraçarem. Eu sua imaginação, supôs que se tratava de uma declaração de amor à qual Dalva teria correspondido, reagindo de forma violenta,

Viu quando ela se colocou diante daquele ossudo estúpido, olhos nos olhos, quase sentindo o hálito um do outro, viu quando ela levou as mãos ao rosto, sua dancinha sedutora, a intimidade, a flor sendo colocada em seus cabelos. Nessa hora começou a correr em direção aos dois, trombou em algumas pessoas, atravessou a rua sem olhar, chutou o portão para entrar e partiu para cima de Ildeu. Deu um soco na cara dele, com toda força que pôde reunir. Com o rosto arrasado, Ildeu caiu no chão atordoadado, fazendo um corte severo no braço, que estourou na quina da escada. Os gritos foram ouvidos de dentro da casa: Você não encosta a mão no que é meu, que eu não encosto a mão no que é seu, seu merda. (Madeira, 2021, p. 97.)

Diante do ocorrido, os familiares de Dalva se mobilizam e falam para Venâncio ir embora. Sem argumentos para se defender, ele obedece, porém logo em seguida, envia uma caixinha de madeira para Dalva, que “reconheceu na hora as mãos habilidosas de Venâncio. Dentro, um anel de noivado. Estava sendo pedida em casamento. O esquecimento começava a jogar seu manto. (Madeira, 2021, p.99). Assim, fica claro como o ciclo de violência permeia essa relação desde o início e nos alerta para a discussão de que uma violência não cessa na fase de lua de mel, o que pode ser confirmado mais à frente na narrativa, com a notícia da gravidez de Dalva e do nascimento da criança. A obra descreve a insatisfação e ciúme do personagem, ao ver a barriga de Dalva crescer, assim como o medo que ela sentia de que algo acontecesse à criança,

Dalva já queria aquele filho mais do que qualquer outra coisa. Pensava nele, falava dele, entregava as mãos à barriga e dela não se afastava. Era bercinho para cá, bordados para lá, banhos demorados voltados para o próprio umbigo, tarde inteiras cantando canções de ninar com uma voz débil, daquelas que os adultos fazem quando pensam encantar as crianças. Passou a evitar Venâncio com medo de machucar o bebê, olhava mais para o espelho do que para os olhos dele e foi alimentando nele a mais profunda convicção de que naquela barriga crescia um ladrão que iria roubar para sempre a mulher da sua vida.” (Madeira, 2021, p.20)

Conforme já discutimos, a escolha pela obra literária *Tudo é rio* para nossa análise ocorreu devido similaridade da relação entre Dalva e Venâncio, na qual o personagem agride Dalva e o filho, e os dados encontrados no Atlas da Violência, em que as agressões que muitas vezes culminam em feminicídio, são perpetradas pelos parceiros que possuem uma relação

afetivo-sexual com a vítima. Um outro elemento que é importante destacar referente à escolha pela obra literária como instrumento ou fonte de pesquisa, pode ser justificada pelo que Ferreira nos apresenta:

Toda fonte pode ser legítima na medida em que contribua para o entendimento do objeto específico de estudo e se tenha em conta sua natureza: política, econômica, científica, religiosa, artística, técnica ou outra. É preciso, contudo, estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar o tratamento anacrônico da fonte. (Ferreira, 2015, p. 81)

De acordo com essa perspectiva de Ferreira (2015), de que é legítimo uma obra literária ser tomada como uma fonte de investigação, isso deve-se ao fato de um livro carregar consigo características de seu tempo histórico, como costumes, tradições, organização social, além de ser possível se fazer instrumento de denúncia. Um elemento que poderia ilustrar a afirmação do autor pode ser evidenciado no modo de comunicação entre os personagens de *Tudo é rio*. Assuntos urgentes como caso de doenças de familiares por exemplo, eram notificados por cartas. Não há na obra sugestão de ligações telefônicas entre os personagens. Conforme aponta Alencar e Alencar (1998) mesmo com empresas telefônicas em territórios brasileiros, em meados de 1960 o acesso à linha telefônica ainda não havia se difundido por todo o país, algumas regiões não tinham acesso a esse meio de comunicação, como por exemplo Manaus. Se a narrativa se passasse no início dos anos 2000, que é quando as linhas telefônicas, fixas e móveis estavam em processo de difusão no Brasil, o acesso não era realidade para pelo menos 49% dos brasileiros segundo Pinheiro (2013). Assim, tanto a partir dos dados apontados por Pinheiro, quanto o modo que os personagens se comunicam no enredo, é possível estipular um tempo histórico para a obra, que inclui vários outros aspectos importantes para ser considerada em nossa análise.

A importância de destacar o tempo histórico, contribui para a análise da obra inclusive considerando aspectos legais para a tomada de decisão de alguns personagens. O tempo histórico indicado em *Tudo é rio*, coincide com a recenticidade da permissão à mulher para se divorciar, ocorrendo apenas em 1977 no Brasil, com a sanção da lei Nº 6.515/1977 (Brasil, 1977). Porém é importante ressaltar que embora a lei do divórcio tenha sido sancionada, a questão moral, cultural e religiosa em torno da dissolução de um matrimônio imobilizava e ainda imobiliza essa ação quando parte de mulheres. Leacock ao refutar a noção de que a subordinação das mulheres seja natural ou universal, identifica que a imposição colonial e missionária modificou modos de vida igualitários, e se antes o divórcio era comum e não havia exclusividade sexual, isso foi transformado com vistas a impor a “estrutura familiar europeia,

com autoridade masculina, fidelidade feminina e eliminação do direito ao divórcio” (2019, p. 85).

Também é possível que a Lei Maria da Penha ainda não tivesse se efetivado enquanto política pública. De todo modo, caso a referida lei já estivesse em vigor, é sabido o quão estrutural e naturalizada é a violência em nosso contexto patriarcal, principalmente por ser regido pela lógica monogâmica de exclusividade e controle os corpos femininos (Núñez, 2023), assim como pelo ciúme enquanto modo de controle patrimonial e não como amor exclusivo como costuma ser propagado (Engels, 2019). Apesar da intenção em implementar a mudança a partir das leis (que são de extrema importância), essas raízes históricas dificultam o exercício dessa política pública, e por isso, mesmo com a Lei Maria da Penha, a violência contra a mulher ainda é uma realidade muito presente em nosso contexto e não deve cessar de ser discutida.

Outra característica que torna a obra literária fundamental para nossa análise é a lógica interna que mobiliza a organização de uma obra de arte. Em *Imaginação e criação na infância* (Vigotski, 1930/2018), Vigotski tece uma discussão em torno do que organiza uma obra de arte, e explica que sua organização interna estabelece uma relação com o mundo externo, ou seja, as características que compõem a obra de arte carregam elementos da cultura, seja a linguagem, as relações sociais, e tudo o que de algum modo exerce influência sobre as pessoas. Assim, a lógica interna seria essa coerência entre os elementos que constituem a obra em si, e os elementos da cultura, coerência essa que surge, independente da intenção do autor, provocando catarse ou reação estética (Vigotski, 1999). Essa lógica interna nos auxiliou na análise ético-política das emoções, a partir da crítica do leitor adotada para este trabalho enquanto instrumento metodológico de análise da obra. A crítica do leitor conforme explicada por Pozza e Magiolino pode ser entendida da seguinte maneira,

*A crítica de leitor, explicitada e cunhada por Vigotski, trata-se de uma das possibilidades de leitura da obra de arte, e não a única, pois Vigotski afirma ser possível fazer da obra de arte inúmeras interpretações. No incontável número de possibilidades, o autor enxerga o caráter inesgotável da obra de arte. Assim, demarca serem estéreis as tentativas de estabelecimento de uma norma única para a interpretação de qualquer obra. (Pozza e Magiolino, 2018, p. 806)*

Compreender o escalonamento do nível de violência é importante para a entendermos o percurso da violência doméstica e familiar contra a mulher, que também ocorre na obra. Venâncio, antes de arremessar a criança contra a parede, apresentou outros comportamentos de violência. Dalva e seu filho Vicente são violentamente agredidos por Venâncio, após um ataque motivado por ciúmes, como se o corpo de Dalva o pertencesse. Em nossa análise, a fim de compreender o que faz uma mulher perdoar o parceiro em uma situação de violência,

consideraremos: a significação das emoções (Magiolino, 2010; 2014), o papel da lógica monogâmica (Núñez, 2023), e a reflexão espinosana de causa adequada e inadequada dos afetos (Silva e Magiolino, 2018; Espinosa, 1667/2018).

### **3.1 A significação do perdão a partir da diferença de gênero em Tudo é rio**

As emoções não foram diretamente consideradas enquanto funções psicológicas superiores por Vigotski, mas por se desenvolverem, assim como qualquer função psicológica e estarem diretamente relacionadas à trama do psiquismo, foram tomadas como emoções culturizadas (Toassa, 2009). Além disso, pela complexificação no curso do desenvolvimento, hoje são entendidas por autoras contemporâneas como Toassa (2009) como funções psicológicas superiores. O desenvolvimento de uma teoria histórico-cultural das emoções (Sawaia, Magiolino e Silva, 2022) permite que façamos uma análise ético-política das emoções. Essa análise leva em consideração o modo como as emoções são significadas, complexificadas, e se organizam no psiquismo (Magiolino, 2010; 2014). Entendemos o perdão como uma dessas emoções complexificadas e significadas, ou seja, dotada de sentido e significado, que não se expressa de qualquer modo em qualquer lugar. O perdão trata-se de uma emoção impregnada de significação histórico-cultural, cuja constituição conta com a participação de conflitos dramáticos internos e externos. (Vigotski, 1915/1999).

Concordamos com a colocação de Magiolino sobre a significação das emoções, o que tem respaldo no exemplo que Vigotski apresenta sobre o ciúme mulçumano ser diferente do ciúme em outras culturas (Vigotski, 2004). O perdão também se expressa de formas diversas a depender da cultura e do contexto, assim como a historicização do perdão é marcado por sentidos e significados diferentes. O perdão pode ser entendido como uma demanda moral, com vistas a preservar uma relação. Também se vincula à religiosidade, com a noção de que nossos erros podem encontrar perdão se expressarmos arrependimento. Além disso, do ponto de vista religioso, para que o ser humano seja salvo, é preciso que também perdoe alguma ofensa que tenha sofrido. Esse perdão acaba sendo demandado mais às mulheres, e se enraizando inclusive como obrigação, com vistas a preservar os relacionamentos (Leacock, 2019).

Em relação ao nosso comportamento a fim de atender uma exigência moral, Espinosa discute sobre as causas adequadas e inadequadas de nossos afetos. Quando tomamos uma causa inadequada em função de uma demanda moral externa, padecemos, ou seja, saber que alguma decisão nos fará sofrer e mesmo assim persistir na decisão por adotar a postura externa baseada

em moralidade e não em nossa própria ética, diminui nossa potência de agir, como colocado na proposição LVI de Ética, pela demonstração abaixo,

A Alegria e a Tristeza e, conseqüentemente, os afetos que delas são compostos ou delas derivam, são paixões (*pelo esc. da Prop. II desta parte*); e nós (*pela Prop. I desta parte*) necessariamente padecemos enquanto temos ideias inadequadas; e, enquanto a temos (*pela Prop. 3 desta parte*), apenas nesta medida padecemos, isto é (*ver Esc. da Prop. 40 da parte 2*), necessariamente padecemos apenas enquanto imaginamos, ou seja (*ver Prop. 17 da parte 2 com seu Esc.*), enquanto somos afetados por um afeto que envolve a natureza do nosso Corpo e a natureza de um corpo externo. Portanto, a natureza de cada paixão deve necessariamente ser explicada de tal maneira que seja expressa a natureza do objeto pelo qual somos afetados. (Espinosa, 2018, p.327).

Em *Tudo é rio*, vemos o perdão se expressar com intensidades e maneiras diferentes a depender do contexto. Na família de Duca, tia de Lucy, houve a traição do marido com a sobrinha, Duca diz em voz alta que nunca iria perdoar Brando, seu esposo. Antes de Brando e Lucy serem flagrados, eles já haviam confessado um ao outro o desejo de transarem, contudo Brando alerta a sobrinha de que fizesse aquilo quando não precisasse mais daquela casa, pois tinha convicção de que ele seria perdoado, mas Lucy não.

O perdão se expressa não apenas de formas diferentes a depender do contexto, mas também tem uma marcação muito presente do gênero, como veremos em outros recortes mais à frente. Duca ao flagrar os dois, com a promessa de que nunca iria perdoá-lo, expulsa Lucy e não toca mais no assunto. Publicamente ela e Brando vivem como se nada tivesse acontecido. No lar, realizavam as refeições juntos, apenas com olhares silenciosos. Esse recorte da narrativa pode suscitar o questionamento sobre a direção do perdão apenas para Brando e não para Lucy. Apesar do entendimento de Brando de que seria perdoado, o que aconteceu nessa relação foi a não dissolução da união, não havendo na narrativa expressões do perdão enquanto emoção. Nesse contexto o perdão pode ser entendido de forma genérica a partir da continuidade do casamento, talvez por uma impossibilidade de conceber o divórcio - dado a recenticidade da lei que permitia a mulher a solicitá-lo - também possivelmente orientado por uma questão da moral cristã do contexto, tendo uma puta (Lucy) como personagem indesejada pela sociedade, para justificar psiquicamente para Duca a continuidade daquela união, uma vez que se conformava um pouco mais a cada notícia de que alguma mulher havia sido traída e que Lucy tinha parte nisso. Sobre Lucy ser perdoada por Duca, não foi algo cogitado nem desejado por nenhuma das duas personagens. O significado do perdão enquanto emoção, seria vazio de sentido nessa situação, o que está em consonância à noção de significação das emoções (Magiolino, 2010), ou seja, nem tudo o que parece ser perdão ou nomeado enquanto tal, de fato o é, sendo imprescindível entender seu sentido e significado.

Um momento importante em que a promessa de não perdoar comparece é em outro contexto familiar, o de Dalva. Ao contar à família que estava apaixonada por Venâncio, é repreendida pelo pai, que a ofende e a agride verbalmente. Dalva diz em seu íntimo que nunca o perdoaria. Contudo no dia seguinte ele a procura arrependido, e diz que a ama, também pede a ela que leve Venâncio à casa deles. Dalva se alegra, abraça o pai, e de acordo com a narrativa “o silêncio voltou leve e o perdão veio com ele” (p. 91). Quando Venâncio agride Ildeu, amigo de Dalva, ela se entristece e sente raiva de Venâncio, gritando com ele e mandando ele ir embora. Depois ela se tranca no quarto, e logo em seguida recebe um presente enviado por Venâncio com um pedido de casamento, e deste modo “o esquecimento começava a jogar seu manto.”(p.99). Essas passagens expressam a manifestação do perdão de Dalva, assim como a forma que os sentimentos vão caracterizando sua personalidade.

Dalva era descrita como alguém alegre, que gostava de proteger os animais ainda que isso significasse ter de enfrentar o descontentamento de seu pai. No seu contexto familiar a música era sempre presente, ela cantava com seu pai e seus irmãos e ajudava sua mãe a vender empadas. Os sentimentos de Dalva eram alegres, marcados por sua experiência de vida, o que Sawaia e Magiolino dirão se tratar do tempo aion, um tempo de intensidades que perdura,

O conceito de sentimento indica a emoção que permanece presentificada apesar de já ter sido vivenciada. Uma emoção que fica marcada no corpo memorioso, continuamente atualizada. Essa especificidade do afeto, de tempo aion... O sentimento permite analisar as emoções desvinculadas das afetações imediatas que a provocaram e perpetuadas como uma experiência emocional intensiva, perejivânie (Sawaia e Magiolino, 2016, p. 84).

Nesse sentido o modo como uma emoção se expressa tem relação com a personalidade. Inicialmente Dalva se deparava com afetos tristes, que apesar de ficarem marcados, não estavam sendo atualizados naquele momento. Já os afetos alegres prevaleciam, como evidenciado nos gestos de seu pai e de Venâncio, aumentando sua potência de agir. Outro ponto que deve ser considerado para entender como os afetos tristes eram deixados em segundo plano, é a afirmação de Espinosa sobre a mudança dos afetos, como explica na Proposição VII da quarta parte de *Ética*, ao dizer que “um afeto não pode ser coibido nem suprimido a não ser por outro afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser coibido” (2018, p.389). No caso a tristeza de Dalva era transformada em alegria pelas ações alegres tanto de seu pai quanto de Venâncio.

### **3.2 Crítica do(a) leitor(a): Análise ético-política das emoções**

Já discutimos a noção do perdão enquanto uma emoção complexificada, porém é importante problematizar o uso dessa emoção para fins de controle e dominação, ou o risco em

ser utilizado como instrumento de servidão das paixões. Sawaia, Magiolino e Silva (2022), fazem uma discussão sobre e gênese social das emoções, assim como fazem reflexões sobre a dimensão ético-política das emoções ao enfatizarem que não se tratam de algo subjetivo individual, mas coletivo. Na cena em que Venâncio agride tanto Dalva quanto o filho de forma brutal, Dalva se sente impotente, incapaz de proteger o filho. Deseja ter morrido, pois “morta perdoaria Deus” (Madeira, 2021, p. 67). Mas ela sobreviveu, sem vontade de fazer absolutamente nada: não comia, não falava, havia se trancado na sua dor. Também se recusava a responder Venâncio, a olhar em seus olhos, cujo último olhar era carregado de ódio quando tirou o filho dela e o arremessou na parede. Para Dalva, o amor deles havia morrido.

Ao fazer a releitura da obra *Tudo é rio*, e considerar o contexto histórico da narrativa, assim como ser direcionada para autoras contemporâneas que discutem a constituição histórico-cultural das emoções, foi possível perceber que o perdão de Dalva não se constituiu única e exclusivamente por algo individual. A cultura na qual a personagem está inserida a afeta diretamente. Se antes a pergunta era por que Dalva havia permanecido, agora uma das hipóteses é que o divórcio era um elemento recente, provavelmente pouco considerado como instrumento de emancipação pelas mulheres e rejeitado pela sociedade. Além disso, o livro aponta que se tratava de um contexto muito religioso, o que sugere haver uma forte tendência do perdão conjugal enquanto saída. A rede de apoio de Dalva é um outro elemento a ser considerado, pois, sua família havia se mudado, ela se uniu a Venâncio e um bastava ao outro, o que deixa a possibilidade de amizades de Dalva restrita, pois, Ildeu que era seu amigo mais próximo era alvo dos ciúmes de Venâncio.

Geni Núñez, psicóloga e pesquisadora indígena guarani, fez uma importante pesquisa sobre a invasão colonial e escreveu o livro *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar* (2023), que traz importantes elementos sobre os afetos em nosso contexto, e a forma como foram construídos considerando as relações de poder e principalmente relacionadas ao gênero. A análise que Núñez faz, sobre a intensidade com a qual em nossa cultura privilegia as relações conjugais em detrimento das relações de amizade, e o quanto isso se torna um cerceamento principalmente para as mulheres, nos trouxe indícios de que a permanência de Dalva passa por uma dimensão ético-política.

Na obra literária, nos deparamos com diversos comportamentos e ações dos personagens que indicam perdão, principalmente a personagem Dalva, que é o centro da nossa investigação. Ao completar dois meses de intenso sofrimento, Dalva recebe um recado de Francisca, amiga de sua família. A criança que levou o recado, entregou-lhe o medalhão que estava na roupa de seu filho no dia da tragédia. Ela vai ao encontro de Francisca e fica em

choque ao saber que o filho está vivo. Desde o dia em que Venâncio o arremessou na parede depois o pegou e saiu com ele, e Dalva impotente de dor desmaia, nunca perguntou a Venâncio o que havia feito com a criança naquela noite em que ela ficou imobilizada no chão.

Ao encontrar Francisca, essa lhe explica que Venâncio levou a criança para que ela enterrasse, ele estava muito abalado e em sofrimento pelo que havia feito. Contudo quando Venâncio foi embora, Francisca percebeu que Vicente respirava. Esperou o bebê ganhar forças para avisar aos pais. Dalva com medo do que Venâncio poderia fazer, pediu que Francisca não contasse, estava se preparando para ir embora com Vicente, morar com seus pais e irmãos. Disse que precisaria de um tempo para se organizar. Contudo no decorrer da história, a narrativa evidencia que o ódio e o amor acabaram prendendo Dalva e Venâncio, um ao outro, por muito tempo.

No decorrer da obra o perdão é colocado como algo desejado, sentido, negado, disponibilizado ao outro em diferentes circunstâncias. Compreender o perdão em uma situação de violência doméstica, envolve muitas contradições e assim como qualquer outro aspecto do psiquismo, requer que o compreendamos ou investiguemos a partir da cultura e da história. Para continuar nossa discussão, é importante ressaltar que defendemos que o perdão se trata de uma emoção e como outras funções psicológicas, não surge ou se desenvolve de forma isolada, vai se complexificando até se tornar uma função psicológica culturizada (Toassa, 2011). Assim, é importante que nos detenhamos brevemente sobre a manifestação do ciúme em uma relação afetivo-sexual, considerando gênero a imaginação frente a esse sentimento. Isso porque na obra apresentada a violência carrega a marca do ciúme; sempre que consideramos as emoções é importante que as tomemos a partir da complexa teia de sentidos que fazem parte de um indivíduo singular e também das relações que esse indivíduo estabelece. O perdão de Dalva foi direcionado a uma ação de Venâncio que foi movido por um ciúme; nos dois casos, o entrelaçamento das questões de gênero é muito marcante, como aprofundaremos a seguir.

### **3.3 Ciúme, gênero e imaginação: a colonização dos afetos**

Para iniciarmos essa discussão, é importante retomar a discussão de que o ciúme não se trata de um sentimento natural, mas que se desenvolveu a princípio, e no capitalismo se configura sobretudo como instrumento de controle patrimonial. Segundo Engels (2019), as formas grupais de casamento “deixava pouco espaço para o ciúme” (p.42) e que regras de exclusividade sexual não existiam, evidenciando que “o ciúme é um sentimento que se desenvolveu em uma época relativamente tardia.” (p.43). Como qualquer emoção é necessário

considerar seu radical biológico, mas ele desenvolve e é experimentado de modos diferentes, a depender do contexto cultural, como elucida Vigotski.

Já dissemos que, como expressava corretamente Spinoza, o conhecimento de nosso afeto altera este, transformando-o de um estado passivo em outro ativo. O fato de eu pensar coisas que estão fora de mim não altera nada nelas, ao passo que o fato de pensar nos afetos, situando-os em outras relações com meu intelecto e outras instâncias, altera muito minha vida psíquica. Em termos simples, nossos afetos atuam num complicado sistema com nossos conceitos e quem não souber que os ciúmes de uma pessoa relacionada com os conceitos maometanos da fidelidade da mulher são diferentes dos de outra relacionada com um sistema de conceitos opostos sobre a mesma coisa, não compreende que esse sentimento é histórico, que de fato se altera em meios ideológicos e psicológicos distintos apesar de que nele reste sem dúvida um certo radical biológico, em virtude qual surge essa emoção. Por conseguinte, as emoções complexas aparecem somente historicamente e são a combinação de relações que surgem em consequência da vida histórica, combinação que se dá no transcurso do processo evolutivo das emoções (Vigotski, 1999, p. 127).

Em consonância com esse ponto de vista, Trindade Conceição, Martins e Freitas (2015), realizaram uma pesquisa com 300 estudantes universitários, para compreender a diferença entre a manifestação do ciúme entre homens e mulheres. A análise realizada pelos pesquisadores permitiu avaliar que as emoções e características mais presentes no sexo masculino foram “poder de posse, desejo de domínio sobre o ser amado que estão intimamente atrelados a comportamentos investigativos e de violência ao tentar ter o controle da parceira, e por vez não alcançado, é justificado por reações de violência.” (Trindade Conceição, Martins e Freitas, 2015. p.65). Os autores complementam que o ciúme pode envolver o sentimento de medo de perda do parceiro para outrem real ou imaginário, e esse sentimento pode ocasionar prejuízos psicológicos na vida da pessoa que sente ciúme e da pessoa com a qual o enciumado se relaciona.

Para Vigotski (1930/2018), a construção de uma fantasia, ainda que não corresponda à realidade, provoca sentimentos verdadeiros, realmente vivenciados pelo sujeito. Na obra literária, toda narrativa construída em torno do personagem Venâncio, evidencia a luta do personagem para afastar os pensamentos sobre o medo de perder Dalva. O pavor ele tinha de que outros homens a visse como ele a enxergava, e por fim a falta de autocontrole em dois momentos marcados por atos extremamente violentos, seguidos de um discurso interior de fantasia. No primeiro instante, construiu um discurso de que estava sendo traído por Dalva, quando o amigo da família de Dalva a abraça para parabenizá-la pelo aniversário. No segundo instante, quando agride Dalva e arremessa o próprio filho, por sentir que a criança estava tomando algo que pertencia a ele: Dalva.

Contudo, esse discurso interior construído por Venâncio não teve sua construção apartada de seu contexto sociocultural. Ainda em *Imaginação e criação na infância*, Vigotski destaca que “a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia.” (p.24, 1930/2018). O autor complementa, que a experiência é importante, mas nossa imaginação não se restringe à ela, pois podemos imaginar sem termos experienciado ou efetivamente visto, nossa imaginação pode ser criada com bases em informações, estudos, e notícias vindas de outrem, ou seja, podemos construir a noção de amor sem termos amado, com base em músicas, literatura, e narrativas de vida, principalmente relacionadas à determinadas culturas.

A monogamia é um elemento de destaque na pesquisa de Núñez (2023), uma vez que segundo a autora a monogamia foi uma das formas de colonização exercidas pelos jesuítas,

Em minha pesquisa nas cartas jesuíticas, fui percebendo que, para os padres, não bastava que uma relação fosse composta apenas de duas pessoas para ser tida como monogâmica; era preciso muito mais. Para que uma relação pudesse ser definida como monogâmica, era necessário que atendessem ao princípio da indissolubilidade do vínculo, que mais tarde seria repaginado pelo amor romântico na premissa do “até que a morte nos separe”. Isso nos ajuda a entender por que o direito ao divórcio é tão recente no Brasil: apenas na constituição de 1988 ele foi estruturado na forma como o conhecemos hoje. (p. 21)

Ainda em sua obra, Geni Núñez (2023) aponta a influência do cristianismo na legislação brasileira, o que levou por exemplo, o adultério a ser considerado como crime no Código Penal, até 2005. Herança dessa ideologia, é a crença de que os corpos pertencem a outrem, principalmente os corpos das mulheres enquanto propriedades dos homens, levando à violência caso haja um rompimento dessa exclusividade sexual. Para além disso, a autora evidencia a partir das cartas do Padre Anchieta, que não havia vestígios de violência endereçadas dos indígenas do sexo masculino para as indígenas mulheres.

A autora enfatiza que a violência contra as mulheres em nosso território veio com a invasão colonial, e se fortaleceu ao longo do tempo, a partir da a lógica monogâmica que exige exclusividade dos corpos das mulheres, o que possui uma íntima relação com o patriarcado. Conforme já discutimos, o patriarcado trata-se um contrato feito entre os homens para dominação-exploração das mulheres a fim de acúmulo de riquezas (Saffioti, 2015). Deste modo a influência da religião com sua moral monogâmica assim como o poder político patriarcal, que subalterniza as mulheres e não raro culmina em feminicídio, encontra correspondência no próprio Atlas da Violência disponível no Fórum Brasileiro de Segurança Pública, cujo

evidencia a alta taxa de violência contra a mulher advindo principalmente de parceiros afetivo-sexuais.

A crença de Venâncio de que o corpo de Dalva o pertencia, comparece em entonação de paixão, amor e desejo, se expressa de forma objetiva no seguinte trecho,

Vem ser minha. Dalva desligava o fogo. Tirava o ferro da tomada. Lavava o sabão das mãos. Largava a roupa sem estender. Deixava incompleto o esmalte das unhas. Parava tudo e ia. Entrava inteira nos braços de Venâncio. A temperatura da pele dele, o cheiro, o jeito de acolher o corpo dela dava vontade de ficar ali para sempre. [...] Venâncio esquentava por dentro. Um brilho molhava seu olhar apaixonado. Com as mãos ele trazia Dalva para perto, com o rosto tocava seu seio. [...] Mal acreditava que pudesse tudo, naquele seio que já era mais dele do que dela, a paisagem mais linda do mundo, onde ele sempre queria se demorar. Buscava com a boca o bico teso, e uma vertigem de prazer que tomava conta dele. (Madeira, 2021, pp. 115-116)

Quando analisamos a relação afetivo-sexual entre Dalva e Venâncio, partindo da concepção que o enredo se passa em contexto brasileiro, fica mais compreensível que a imaginação de Venâncio tem raízes históricas bem consolidadas. O ato de imaginar uma suposta traição e reagir de forma violenta à essa suposição, era legitimado, o que levava o autor a cometer crimes contra a parceira embasado apenas em suspeitas. Venâncio ao cometer a atrocidade contra o filho e esposa, foi movido pelo ciúme que sentia ao ver a criança recebendo a atenção e o corpo de Dalva,

O filho tinha nascido de manhã, quando ele entrou no quarto, Dalva oferecia o bico do peito para o menino. Os olhos de Venâncio pararam ali, sentiu uma dor de infidelidade, traição, a nuca esquentou num quase desmaio. Ela punha na boca do menino o bico do seio que era dele, o bico, acordado e nu, estava lá, entumecido, pronto, sem que ele o tivesse excitado. [...] O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ela arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu. Bateu. Espancou. (Madeira, 2021, pp. 20-21)

Ao retiramos a lente do amor romântico, podemos supor elementos sociais que a fazem permanecer na residência. Dizer como a obra literária de Cecília Meireles (1964/212), que seria “Ou isto ou aquilo” que prende Dalva na casa que era dela e de Venâncio, já nos levaria a isolar fenômenos, o que não é o objetivo do nosso trabalho que se orienta pelo método dialético. Conforme já discutimos, uma das inquietações que a leitura da obra suscita, é o que levou Dalva a permanecer na residência. Essa inquietação, acabou tomando outros cursos, que pode ser, talvez naquele momento histórico, Dalva não pudesse se divorciar, mesmo que já fosse autorizado por lei, poderia ainda ser muito recente para ser razoavelmente aceito pela sociedade. Mas, também é necessário considerar o próprio drama subjetivo que, como

apontamos acima, reúne em um mesmo momento emoções contraditórias e igualmente intensas: melancolia, paixão, ódio, desejo.

Por isso é importante discutir o drama do psiquismo, pois, em *Tudo é rio*, ocorrem diversos conflitos que são vivenciados pelos personagens. Quando Dalva afirma que não vai perdoar, mas se comporta de modo contrário ao que diz, e repete essa ação em diferentes contextos na história, é possível identificar o drama experienciado pela personagem. Para tentar compreender o papel do drama nos conflitos externos e internos da personagem, assim como no desenvolvimento das emoções, vamos abordá-lo pela perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural.

### 3.4 Flutuações do ânimo e o Drama do psiquismo em Dalva

O ciúme de Venâncio que se apresenta desde o início da narrativa, moveu seu comportamento a vários atos violentos, embora o mais brutal e marcante tenha sido atacar o próprio filho e espancar Dalva. As emoções que emergem desse conflito, também entram em conflito em ambos os personagens. A culpa, arrependimento, ciúme, amor, e o perdão. A própria narração da obra se indaga das possibilidades de Dalva sobre a violência que sofre, inicialmente com possibilidades que priorizam a razão, porém logo em seguida reconhecendo a emoções como indissociável das tomadas de decisão, o que está de acordo com a afirmação de Sawaia, Magiolino e Silva (2022) da impossibilidade de prever “o percurso de cada pessoa”, e que “se, por um lado, os nós da história nos emaranha a todos, por outro, cada um de nós, a depender das condições dadas, os desata de forma particular” (p.111), como podemos perceber no seguinte trecho de *Tudo é rio*,

Poderia ter denunciado a violência de Venâncio, feito ele ir pagar na cadeia, espalhado sua crueldade em toda a cidade, confessado ao padre o imperdoável, recebendo absolvição para odiar. Poderia ter contado tudo para Aurora e ter dela as palavras certas, o colo amoroso. [...]. Poderia ter se vingado. Ter perdoado. Dalva poderia tantas coisas se pudesse. Mas só pôde o que fez. Quem vê de fora faz arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente não vê, que o não dar conta ocupa tudo. Dalva ficou, mastigou aquela dor e se alimentou dela. Não podia deixar de lembrar a Venâncio, todos os dias, todas as noites, todas as estações do ano, que ele havia morrido para ela quando matou o amor deles. Nenhuma palavra, nenhum olhar, nenhuma migalha. Era no desespero dele de não ter mais nada dela que Dalva encontrava forças para sofrer. E sofrer era a única vida possível diante do que tinha perdido. Lucy tinha razão, a dor vicia enquanto mantém a gente vivo. Mas não era só a dor que prendia Dalva ali, o amor também lançou suas âncoras. (Madeira, 2021, pp. 133-134)

Dizer que o amor e a dor prendiam Dalva, pode ser compreendido pela intensidade com a qual experienciava os afetos, tanto com os afetos de Alegria que a potencializava, com os

quais ela começa a ter contato novamente, como os gestos carinhosos de Venâncio, tanto com a lembrança da agressão que ele havia cometido contra ela e o filho. A isso Espinosa vai chamar de flutuações do ânimo – amar e odiar ao mesmo tempo - e destacar a variação de ligação entre os afetos,

Donde revela-se que somos agitados por causas externas de muitas maneiras e que flutuamos tal qual ondas do mar agitadas por ventos contrários, ignorantes de nosso desenlace e do destino. Mas afirmei ter mostrado apenas os principais conflitos do ânimo, e não todos que podem dar-se. De fato pela mesma via podemos mostrar facilmente que o Amor se une ao Arrependimento, ao Desdém, à Vergonha, etc. Mas ainda creio constar claramente cada um, a partir do já dito, que os afetos podem compor-se uns com os outros de tantas maneiras, e daí podem originar-se tantas variações, que não podem ser definidos por nenhum número. (Espinosa, 2018, p.337)

Esse conflito gerado a partir de afetos contrários, também pode ser entendido como o conflito dramático do psiquismo. No caso do perdão, é a partir do drama que o perdão pode se desenvolver para uma emoção culturizada, ou seja, a partir do sentido que é atribuído ao perdão, e do seu significado em determinada trama. Vigotski explica o conflito dramático da seguinte maneira,

Ao lado do drama externo e real, desenvolve-se outro em profundidade, o drama interno, que transcorre em silêncio (o externo transcorre em palavras) e para qual o externo é uma espécie de moldura. Atrás do diálogo exterior e audível, percebe-se o diálogo interior em silêncio. A ação se desdobra e em toda parte percebe-se a influência miraculosa de forças misteriosas. Sente-se que o que ocorre em cena é apenas parte da projeção e do reflexo de outros acontecimentos que se desenrolam nos bastidores. (Vigotski, 1999, p.4)

Diante desse drama psíquico experienciado por Dalva, podemos conjecturar que a personagem, frente as condições apresentadas naquele contexto histórico, social, ora permeado por afetos alegres, ora por atos brutais de violência inicialmente permanece na mesma casa que Venâncio por ter sua potência de ação diminuída. Contudo no decorrer da narrativa, gradativamente foi tomando conhecimento da trama na qual estava envolvida e como forma de resistência pune Venâncio com o silêncio e indiferença. Ao mesmo tempo, dois meses depois da tragédia - quando descobre que o filho está vivo e sob os cuidados de Francisca – faz planos para proteger Vicente, “ela precisava ficar mais forte para sair da cidade e voltar a viver com a família, não tinha como consertar as coisas com Venâncio, o amor deles estava acabado.” (Madeira, 2021, p.197).

As experiências vivenciadas pela personagem durante toda a narrativa, são fortemente carregadas por emoções: quando se apaixona por Venâncio; ao sentir raiva de seus pais; quando presencia a agressão ao amigo da família, motivada por ciúmes; quando é pedida em

casamento; o nascimento do filho; a agressão que ela e o filho sofrem; o ciúme que sente de Venâncio e Lucy; os gestos carinhosos de Venâncio em busca de perdão; a alegria ao descobrir que o filho estava vivo; a aliança que estabelece com Lucy, e por fim, quando se questiona sobre a possibilidade de perdão. Assim, as diversas posições sociais que a personagem ocupa, seja enquanto mulher, filha, amiga, mãe, irmã, esposa, conflitam suas funções psicológicas, as fazem entrar em choque, e experienciar o drama. Para Vigotski, o papel social “determina a hierarquia das funções: isto é, as funções mudam a hierarquia nas diferentes esferas da vida social”.(2000, p.39).

No caso de Dalva, o momento de reflexão e indecisão ao pensar “se uma mulher tem o direito de perdoar um homem que bate nela” (Madeira, 2021, p. 193) a direciona a agir deliberadamente diante do histórico de eventos que vivenciou. Ademais, conhecer a causa dos afetos é poder agir e decidir a partir de causas adequadas e, com isso, sair do estado de servidão. Não é possível afirmar com certeza que foi isso o que Dalva fez; mas, considerando os elementos que estão presentes no livro, compreendemos que é o que aconteceu com Dalva.

## Considerações Finais

*Dalva poderia ter ido embora, ido viver com a família. Lá a música faria ela renascer aos poucos. Lá viveria de novo com Túlio, Elis, Elza, Euclides, Mateus e Isadora, e o amor seria a parte mais banal dos dias. Poderia ter denunciado a violência de Venâncio, feito ele ir pagar na cadeia, espalhado sua crueldade em toda a cidade, confessado ao padre o imperdoável, recebendo absolvição para odiar.[...] Dalva poderia tantas coisas se pudesse. Mas só pôde o que fez. Quem vê de fora faz arranjos melhores, mas é dentro, bem no lugar que a gente não vê, que o não dar conta ocupa tudo.*

- Carla Madeira

O que esse trecho de *Tudo é rio* retrata, é endereçado à várias situações de violência seja na arte ou na vida cotidiana. Não raro, nos inclinamos a pensar em soluções objetivas que parecem resolver o problema. Porém o que a trama que envolve Dalva nos mostra é a indissociabilidade dos afetos à tomada de decisão, ou seja, que as decisões são tomadas também a partir dos afetos. O que vemos em Espinosa é a potência de ação a partir de afetos tristes ou alegres, e para o filósofo não buscaremos nosso próprio fim, mas sim perseverar na existência. Um cuidado ético que precisamos tomar, é sobre as classificações do que é perseverar na existência, pois, tanto uma mulher que denuncia o parceiro e rompe com o ciclo de violência assim como uma mulher que permanece no lar, buscam perseverar na existência, porém em alguns casos as pessoas criam formas de resistir através do comum.

O nosso percurso nesse trabalho partiu da inquietação sobre o que leva uma mulher a perdoar o parceiro diante de uma situação de violência doméstica. Para isso foi necessário compreender as emoções, a partir da Psicologia Histórico-cultural, recorrendo à Espinosa e às autoras contemporâneas como Bader Sawaia e Lavínia Magiolino, que discutem as emoções na dimensão ético-política e também as nuances da afetividade. A discussão sobre a diferença na socialização de homens e mulheres (Saffioti, 2015), assim como dominação-exploração das mulheres pelo sistema patriarcal (Engels, 2019; Leacock, 2019) que impactou diretamente na colonização dos afetos em nosso país, com a invasão colonial (Núñez, 2019), reflete em dados alarmantes que evidenciam o alto índice de violência e feminicídio conforme aponta o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Historicizar o perdão e discutir as diversas formas em que é

compreendido, inclusive a partir da diferença de gênero, foi fundamental para entender como o perdão enquanto um acordo político vai se complexificando até que seja experienciado como uma emoção. A obra literária foi fundamental nessa investigação, pois, *Tudo é rio* se apresentou como uma importante fonte documental, além de possibilitar uma reflexão ético-política a partir de sua lógica interna.

Uma das maiores dificuldades do presente estudo, foi estabelecer um elo entre violência, perdão, gênero e arte, sem cair em um modelo explicativo ou em um julgamento moralista e dicotômico (certo/errado, bem/mal) sobre o que uma mulher deve ou não fazer. O método dialético possibilitou compreender essas contradições presentes na pesquisa, que, junto à crítica do leitor e o método objetivamente analítico abriu caminhos para compreensão da dimensão ético-política do perdão. A maternidade é um papel social muito importante presente na obra e na vida cotidiana, e nesse sentido fomos indagadas se o perdão, considerando essa posição social, não passa por uma dimensão da ética do cuidado da mulher para com os filhos. Porém trata-se de uma discussão que não foi possível aprofundar neste trabalho.

Pesquisar uma emoção tão complexa quanto o perdão frente às situações de violência, a partir da psicologia histórico-cultural, da filosofia espinosana e de autoras que discutem sobre emoção e descolonização dos afetos, foi uma transformação pessoal e ao mesmo tempo coletiva. Tomar uma obra literária como fonte documental de pesquisa para compreender o cenário brasileiro, foi de extrema importância, pois, se as formas mais elevadas de objetivação humana se encontram na arte, na ciência e na filosofia, como afirma Duarte (2013), a relevância desse estudo se apresenta de forma dialética, uma vez que consegue se apropriar de elementos sociais a partir da obra de arte, científica e filosófica. Além disso, oferece reflexões acerca da compreensão das emoções, assim como opera em forma de resistência e emancipação, podendo se desenvolver para novas pesquisas que versem sobre outras emoções que fazem parte da nossa humanidade, tais como a inveja, o ciúme e a culpa.

### Referências bibliográficas

- Alencar, M. S., & Alencar, J. I. (1998). Evolução histórica das Comunicações no Brasil, do Império à República. *Dimensões*, (7), pp. 101-114.
- Alencar, T. F., & Abreu, E. L. (2019). O Perdão sob a Perspectiva do Ofensor: uma Revisão da Sistemática. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 39, e185662.  
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003185662>
- Assumpção, M. de C. (2020). *Catarse e individualidade na estética de György Lukács e na pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Revista HISTEDBR On-line, 20 (1), 1-17.  
Doi: <https://doi.org/10.20396/rho.v20i0.8654562>
- Azevedo, M. A. (1986). Mulheres espancadas: a violência denunciada. *Temas IMESC, sociedade, direito, saúde*. 3 (2): 129-149.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: a experiência vivida*. 4a ed., Vol.2. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Obra originalmente publicada em 1949).
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4a ed., Vol.1. São Paulo: Difusão Européia do Livro. (Obra originalmente publicada em 1949).
- Berlin, I. (2022). *As raízes do romantismo*. São Paulo: Fósforo editora. (Obra originalmente publicada em 1999).
- Bíblia Sagrada: Pastoral. (2018). Paulus – Editora.
- Borges, R., Candoti, M., Neto, B., Pepato, J., & Silveira, D. (2023). Perdoou nada [Gravado por Moisés Rufino]. In *Let's bora* [DVD]. Goiânia, Go: Som livre.
- Carneiro, S. (2003). Mulheres em movimento. *Estudos avançados*, 17, 117-133.
- Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Editora Moderna.
- Chauí, M. (2000). *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática.

- Coronado, L. N. K. (2019). *La violencia del amor romántico em la narrativa de dos mujeres Mexicanas*. Rev. Psicologia e Sociedade, 31, 1-19. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/18070310/2019v31180041>
- Davis, N. Z. (2001). *Histórias de perdão e seus narradores na França do século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1928).
- Duarte, N. (2013). *A dialética entre objetivação e apropriação*. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. 21-54. Campinas – SP: Editora Autores Associados.
- Engels, F. (2019). *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 1. ed. São Paulo: Boitempo. (Obra originalmente publicada em de 1884).
- Espinosa, B. (2018). *Ética*. São Paulo: Edusp. (Obra originalmente publicada em 1677).
- Federici, S. (2021). *O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo*. São Paulo: Boitempo.
- Ferreira, A. C. A fonte fecunda. In Pinsky, C. B e Luca, T. R. *O historiador e suas fontes*. (pp. 61-91). Editora Contexto.
- Fonseca, M. F. S., Ferreira, M. da L. A., Figueiredo, R. M. de, & Pinheiro, Ágatha S. (2018). O feminicídio como uma manifestação das relações de poder entre os gêneros. *JURIS - Revista Da Faculdade De Direito*, 28(1), 49–66. <https://doi.org/10.14295/juris.v28i1.7680>
- Fonsêca, P. N. da ., Lopes, B. de J., Gusmão, E. É. da S., Pessoa, V. S. A., Couto, R. N., & Silva, M. I. F. da . (2017). Perdão Conjugal: Uma Explicação a partir dos Valores Humanos. *Trends in Psychology*, 25(4), 1913–1926. <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-20Pt>
- Fórum Brasileiro de segurança pública. (2021). Mapa da violência no Brasil em 2021. IPEA.

Fórum Brasileiro de segurança pública. (2023). *Atlas da violência 2023*. IPEA. Recuperado de <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/artigo/250/atlas-da-violencia-2023>

Fórum Brasileiro de segurança pública. (2024). *Atlas da violência 2024*. IPEA. Recuperado de <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/251>

Hollanda, C. B. (1967). Com açúcar, com afeto. In *Chico Buarque de Hollanda – Volume 2*. RGE – Som livre.

Leacock, E. B. (2019) *Mitos da dominação masculina: uma coletânea de artigos sobre as mulheres numa perspectiva transcultural*. São Paulo: Instituto Lukács. (Obra originalmente publicada em 1981).

*Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006*. Disponível em:

[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm). Acesso em: 25 set. 2024.

*Lei n. 13.104, de 9 de março de 2015*. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm). Acesso em: 12 fev. 2025.

*Lei n. 6.515, de 26 de dezembro de 1977*. Disponível em:

[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6515.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm). Acesso em: 20 out. 2025.

Leite, H. A. & Tuleski, S. C. (2011). *Psicologia Histórico-Cultural e desenvolvimento da atenção voluntária: novo entendimento para o TDAH* Rev.Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Vol 15, n 1, pp. 111-119. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572011000100012>

Lima, T. C. S., & Mito, R. C. T. (2007). *Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica*. Rev. Katálýsys, 10, 37-45. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>

- Linhares, R., & Facci, M. G. D. (2021). O desenvolvimento das funções psíquicas superiores: rompendo com a dicotomia entre o natural e o histórico-cultural. In Firbida, F. G. B., Facci, M. G. D., & Barroco, S. M. S. (Orgs.). *O Desenvolvimento funções psicológicas superiores na psicologia histórico-cultural: contribuições à psicologia e à educação* (pp. 30-46). 1 ed. Eletrônica. Uberlândia, MG: Navegando Publicações.
- Lopes, L. de C. (2023). *Permanências e rupturas de mulheres em situação de violência doméstica: uma perspectiva histórico-cultural* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás, programa de Pós-graduação em Psicologia, Goiânia, GO.
- Lukács, G. (2011). *O romance histórico*. (R. Enderle, Trad.). São Paulo: Boitempo. (Obra originalmente publicada em 1955).
- Machado, L. V., Facci, M. G. D., & Barroco, S. M. S. (2011). *Teoria das emoções em Vigotski. Psicologia em Estudo, Maringá, PR*. Vol. 16, n 4, pp. 647-657. Recuperado de <https://www.scielo.br/j/pe/a/cvL9hMXKctvZpzF3nLFdyYw/#>
- Madaloz, R. F. ., Silva, J. N. R., Alves, C. R. da S. T. ., & Lauxen, S. de L. . (2023). Da dor à dignidade: uma leitura crítica das histórias de vida de mulheres que superaram a violência doméstica. *Boletim De Conjuntura (BOCA)*, 16(47), 567–598. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10222211>
- Madeira, C. (2022). *Tudo é rio*. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Record. (Obra originalmente publicado em 2014).
- Magal, C. (1977). Se te agarro com outro te manto. In *Sidney Magal*. Polydor Records.
- Magiolino, L. L. S. (2010). *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: um estudo teórico da obra de Vigotski*. (Tese de doutorado). Universidade Estadual de Campinas de Goiás, Faculdade de Educação. Campinas – SP.

- Magiolino, L. L. S. (2014). A significação das emoções no processo de organização dramática do psiquismo e de constituição social do sujeito. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe2), 48–59. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000600006>
- Mello, A. R. de. (2020). *Feminicídio: uma análise sociojurídica da violência contra a mulher no Brasil*. 3. Ed. Rio de Janeiro: GZ.
- Michaelis. Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa. (2023). 5ª ed. Melhoramentos.
- Mineiro, M., Silva, M. A. A., & Ferreira, L. G. (2022). *Pesquisa qualitativa e quantitativa: imbricação de múltiplos fatores das abordagens investigativas*. *Rev. Momento – diálogos em educação*, 31 (3), 201-218, DOI <https://doi.org/10.14295/momento.v31i03.14538>
- Moares, V. de. (1980). Samba da benção. In *A mulher, o amor, o sorriso e a flor*. Polygram.
- Netto, J. P. (2011) *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular.
- Núñez, G. (2023). *Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil.
- Pateman, C. (2008). *O contrato sexual*. 4ª ed. São Paulo: Paz & Terra. (Obra originalmente publicado em 1988).
- Pinheiro, M. C. (2013). A Difusão da Telefonia Fixa nos Domicílios Brasileiros. *Economia*, 14(1c), 631-643.
- Pozza, L. P.; Magiolino, L. L. S. (2018). Vigotski e a tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca: a crítica do leitor como leitura dissonante. *Linha Mestra*. Vol. 12, n.36, pp. 805-809.
- Recuperado em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>. Acesso em 06 nov 2023.
- Ribeiro, G. S. (2016). Graciliano Ramos e as aporias do perdão. *Literatura e sociedade*, v. 1 (21), 43-53, doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i21p43-53>

- Romanelli, N.. (2011). A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. *Psicologia Em Estudo*, 16(2), 199–208.
- Saffioti, H. (2015). *Gênero patriarcado violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão popular. (Obra originalmente publicado em 2004.)
- Santana, R. G., & Lopes, R. F. (2012). Aspectos conceituais do perdão no campo da Psicologia. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 32(3), 618–631.  
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932012000300008>
- Santos, L. G. (2015). *Inconsciente: uma reflexão desde a Psicologia de Vigotski*. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.
- Santos, V. R., & Ribeiro, W. C. (2020). Spinoza, uma filosofia da imanência dos afetos. *Kínesis*, v. 12 (33), 198-212. doi: 10.36311/1984-8900.2020.v12n33.p198-212
- Saviani, D. (1991) Introdução. In: Saviani, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez.
- Saviani, D. (2011) *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 11. ed. Campinas: Autores Associados.
- Sawaia, B. B. (2000). *A emoção como locus de produção do conhecimento - Uma reflexão inspirada em Vygotsky e no seu diálogo com Espinosa*. III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural, São Paulo.
- Sawaia, B. B. (2020). A dimensão ético-ontológico da violência. In Sawaia, B. B., Albuquerque, R., Busarello, F. R., & Purin, G. T. (Orgs.). *Afeto & violência lugares de servidão e resistência*. (pp. 33-41). São Paulo: Alexa cultural.
- Sawaia, B. B., & Magiolino, L. L. S. (2016). *As nuances da afetividade: emoção, sentimento e paixão em perspectiva*. In L. Banks-Leite, A. L. B. Smolka, & D. D. (Org.)

- Diálogos na perspectiva histórico-cultural interlocuções com a clínica da atividade.  
1ed. v.01, pp. 61-68. Campinas: Mercado das Letras.
- Sawaia, B. B., Magiolino, L. L. S., & Silva, D. N. H. (2022). *Por uma teoria socio-histórica das emoções*. In M. I. C. Moreira & S. M. G. Sousa (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. 93-124. Goiânia: Ed. da PUC Goiás.
- Sawaia, B. B., Magiolino, L. L. S., & Silva, D. N. H. (2022). *Por uma teoria socio-histórica das emoções*. In M. I. C. Moreira & S. M. G. Sousa (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais*. 93-124. Goiânia: Ed. da PUC Goiás.
- Schultz, D. P.; Schultz, S. E. (2015). *Teorias da personalidade*. São Paulo: Cengage Learning.
- Secretaria Nacional de Políticas para as mulheres (2020). *Enfrentando a violência doméstica e familiar contra a mulher*. [cartilha] [https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/cartilha-auxilia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia/Cartilhaenfrentamento\\_QRCODE1.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/maio/cartilha-auxilia-mulheres-no-enfrentamento-a-violencia/Cartilhaenfrentamento_QRCODE1.pdf)
- Silva, D. N. H., Magiolino, L. L. S (2018). *Imaginação e emoção: liberdade ou servidão nas paixões? Um ensaio entre L.S. Vigotski e B. Espinosa*. In Sawaia, B. B., Albuquerque, R., Busarello, F. R., & Bussarelo, F. R. (Orgs.). *Afeto & Comum reflexões sobre a práxis psicossocial*. (pp. 39-59). São Paulo: Alexa cultural.
- Sponville, A. C. (1999) *Pequenos tratados das grandes virtudes*. São Paulo: Editora Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1995).
- Superti, T. (2013). *Vygotski, Machado de Assis e a Psicologia da Arte: do objeto, do método e das contribuições para a humanização do homem*. Recuperado de <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2013/tatiane>

- Toassa, G. (2009). *Emoções e vivências em Vigotski: investigação por uma perspectiva histórico-cultural*. (Tese de doutorado). Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Trindade Conceição, B. R., Martins, C. R., & Freitas, R. B. (2015). O ciúme romântico entre gêneros: uma visão sociopsicológica. *Revista Psicologia Em Foco*, 7(9), 53–66.  
Recuperado de <https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/1558>
- Tuleski, S. C. (2019). A unidade do psiquismo humano para Vigotski e a desagregação desta na esquizofrenia. *Psicologia clínica e cultura*. Vol. 35 e35. DOI: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35424>
- Vieira Junior, I. (2019). *Torto arado*. São Paulo: Todavia.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1960).
- Vigotski, L. S. (2001). Pensamento e palavra. In Vigotski, L. S. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1934).
- Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e Método em Psicologia*. (3a ed). São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L.S. (2003). *O desenvolvimento Psicológico na Infância* (1a.ed). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1932).
- Vygotsky, L. S. (1929/2000). Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, 21(71), 21 44.  
Recuperado em 19 setembro, 2024, de <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Woolf, V. (2014). *Um teto todo seu*. São Paulo. Tordesilhas. (Obra originalmente publicada em 1929).

## Apêndice

### *Personagens de Tudo é rio*

Dalva – protagonista e personagem central na pesquisa. É agredida brutalmente por Venâncio.

Venâncio – Protagonista e autor da violência contra Dalva e Vicente

Vicente – Filho de Dalva e Venâncio

Aurora e Antônio – Pais de Dalva

Ildeu – também conhecido como Bambu pelas pessoas mais próximas, é amigo da família de Dalva e

melhor amigo de Túlio que é o irmão de Dalva.

Lucy – Prostituta que se envolve com Venâncio e provoca Dalva chegando a agredi-la. Lucy ficou órfã quando criança e cresceu com seus tios (Duca e Brando) e suas primas.

Brando – Envolve-se de forma afetivo-sexual com a sobrinha Lucy.

Duca – tia de Lucy, extremamente católica. Expulsa Lucy de casa ao flagrar Brando e Lucy transando.

João – Filho de Lucy e Venâncio, que é deixado na porta da casa de Venâncio e Dalva, e é adotado por Dalva.

Francisca – Amiga da família de Dalva, vive no campo e é conhecida pelo cuidado que oferece às pessoas e aos animais. Foi para Francisca que Venâncio entregou Vicente praticamente sem vida. Também foi Francisca que cuidou da criança até que se curasse, avisando então a Dalva sobre o filho, porém a pedido de Dalva, essa informação não foi compartilhada com Venâncio.